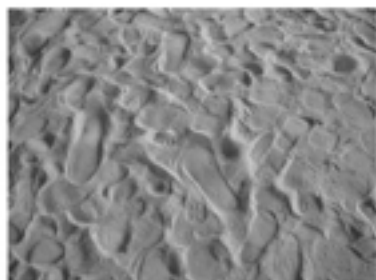


Clotilde Tavares



Coração Parahybano

Crônica, Literatura e Memória

EDIÇÕES
LINHA D'ÁGUA



CLOTILDE TAVARES é paraibana de Campina Grande. É graduada em Medicina pela UFRN (1975) e mestre em Nutrição em Saúde Pública pela UFPE (1983). Como professora da UFRN dedicou-se à pesquisa em Saúde Pública, mas o Teatro, a Literatura e os estudos sobre Cultura Popular sempre tiveram destaque na sua vida, como atividade paralela. A partir de 1993, passou a se dedicar apenas às atividades artísticas e intelectuais. Aposentada da UFRN em 2002, exerce intensa atividade cultural nos estados da PB e RN. Escreve em jornais, é atriz de teatro e cinema, dramaturga e pesquisadora em cultura popular. Já publicou mais de 30 títulos entre peças teatrais, livros e folhetos de cordel. É membro da Comissão de Folclore do RN, do Colégio Brasileiro de Genealogia, do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri e de outras instituições culturais. Mantém sites na Internet e administra listas de discussão sobre temas culturais.

Livros da autora:

Bilhetes de Suicida. (Poesia), Editora Universitária, Natal, 1987.

Iniciação à Visão Holística. (Ensaio)
5a. Edição, Record, Rio de Janeiro, 2000.

A Magia do Cotidiano. (Ensaio)
Ed. Cnews, Natal, 1999;
reeditada pela Editora A Girafa, São Paulo, 2005.

A Botija. (Novela)
AS Editores, Natal, 2003
(Prêmio Câmara Cascudo da Prefeitura Municipal de Natal no ano de 2000). Reeditada pela Editora 34, São Paulo 2006.

A Agulha do Desejo. (Crônicas)
Engenho de Arte, Natal, 2003.

Natal, a Noiva do Sol. (Literatura Infante-Juvenil)
São Paulo, Cortez, 2005.

E-mail:

contato@clotildetavares.com.br
www.clotildetavares.com.br

Coração Parahybano

CORAÇÃO PARAHYBANO

Copyright 2008 - by Clotilde Tavares

Projeto gráfico e editoração eletrônica
Engenho de Arte

Foto da Capa
Clotilde Tavares

T229c Tavares, Clotilde.

Coração Parahybano/Clotilde Tavares.

João Pessoa, Linha D'água, 2008.

132 p.

1. Crônicas - Literatura brasileira
2. Campina Grande (PB) - Memória
3. Paraíba - História

CDU 869.0(81)

Clotilde Tavares

Coração Parahybano

Crônica, Literatura e Memória

Linha D'Água
João Pessoa - PB - 2008

Apresentação

Estas crônicas foram sendo publicadas semanalmente desde abril de 2005, quando fui convidada para escrever n'A União, jornal diário que circula na capital paraibana. Tomei como tema preferencial da minha coluna a Parahyba, à qual voltei depois de 35 anos morando em Natal; e os livros, que constituem uma das minhas paixões. Outros temas eventualmente surgem, mas não são os principais.

Nesses três anos, foram quase 150 crônicas publicadas e selecionei para publicação sessenta delas, em homenagem aos meus bem vividos sessenta anos, completados em dezembro de 2007. Os textos têm praticamente o mesmo tamanho, por exigência do jornal que pedia sempre 32 linhas em fonte Times tamanho 12. Isso exige um exercício constante de concisão e tem um lado bom, porque assim evito a prolixidade.

Achei melhor poupar os meus amigos da tarefa de escrever um prefácio para estes textos. Se o livro for bom, o prefácio é desnecessário; se não prestar, pobre do prefaciador! Assim, sem prefácio e sem mais delongas, convido você, meu caro leitor, a viajar comigo por estas páginas.

A Autora

Sumário

Parahyba pátria minha	11
O solo movediço da memória	13
Redescobrimdo a cidade	15
História da Parahyba: uma paixão	17
O meu primeiro morto	19
À procura do tempo perdido	21
Meu coração sertanejo	23
Noites brancas	25
Leituras tardias	27
A visita do Imperador (I)	29
A visita do Imperador (II)	31
No mundo da História	33
O lenço enigmático	35
Memória viva	37
Meu amor por D. Pedro I	39
A Livraria Pedrosa	41
Meus livros mortos	43
Histórias de Trancoso	45
Essa Nau Catarineta	47
A cidade revisitada	49
As grandezas do Brasil	51
A Pedra do Ingá	53
Um livro indispensável	55
“Os pereiros em flor...”	57
Monumentos do passado	59
Coxixola digital	61
A flor de muitas faces	63

Nilo Tavares, meu pai	65
Antigas manhãs-de-sol	67
A boca da noite	69
A Cascavel do Repente	71
A Igreja da Misericórdia	73
Passado, presente e futuro	75
Onde está a alma?	77
A Noiva da Revolução	79
Lindo, leve e solto	81
As sete maravilhas	83
Ele voltou!	85
Leituras de Ano Novo	87
A Marquesa	89
O “assustado”	91
Amor de irmão	93
A Morte Caetana	95
Subindo a serra	97
O filme da memória	99
O Céu e o Inferno	101
Soledade, Olivedos e tradição	103
Estranhas iguarias	105
O costume do sertão	107
O Parahyba Palace Hotel	109
Monteiro, terra de delícias	111
A minha noruega	113
O médico da cidade	115
A gaiola do mundo	117
Os braços suaves da Parahyba	119
Dom Sertão, Dona Seca	121
As coisas supérfluas	123
O fogo das coisas puras	125
Paraíba on my mind	127
Sessenta anos	129



Parahyba pátria minha

Ninguém descreve tão bem o sentimento de pátria como Vinicius de Moraes, quando diz “a minha pátria é como se não fosse, é íntima doçura e vontade de chorar.” Conheço esse poema desde adolescente e foi somente através dele que consegui traduzir o que sentia e sinto em relação à noção de pátria que, curiosamente, nunca me veio como se a minha pátria fosse o Brasil, mas a Parahyba, assim, com “h” e “y”, como até hoje gosto de escrever.

Quando era menininha, era desse jeito: nem bem se falava na Parahyba, lá vinha aquela sensação estranha, a garganta grossa, o olho crescendo dentro da órbita, enchendo de água, e tudo isso sem saber por quê. Nos comícios, quando o candidato, na empolgação do discurso, soltava a oratória e a palavra Parahyba se desenhava no céu gelado de Campina Grande, o meu céu interior rebentava em estrelas.

Mais tarde, vivendo fora, a saudade era tão doída, era uma necessidade de voltar, de respirar o ar e de ver o céu, de ver a BR se estirando na minha frente, me trazendo de volta a paisagem

conhecida e as curvas sensuais da serra da Borborema, como uma mulher deitada de lado à espera do amante.

Andar na rua, na feira de Campina, ouvindo a fala paraibana, doce como caldo de cana, com suas palavras incompletas e relembrar os mitos da minha infância, pela voz de inúmeras empregadas e agregadas oriundas do Cariri, região onde Mamãe havia nascido, na minúscula mas orgulhosa Coxixola.

Parahyba cheia de faces: Pilar de Zé Lins do Rego, Taperoá de Ariano Suassuna, Cabaceiras de Félix Araújo, Sapé de Augusto dos Anjos, Areia de Pedro Américo... E o Cariri da minha mãe, berço dos meus mitos fundadores, que até hoje guiam a minha vida: honra, destemor, horror à injustiça, respeito à palavra empenhada, gratidão, valores impressos com o fogo do exemplo no meu coração. E quando Vinicius, no poema citado diz que tem "...vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias/ De minha pátria," eu também sinto vontade de esquecer essa bandeira de luto e sangue e no seu lugar colocar uma bandeira de ouro, azul e esperança, uma bandeira amorosa e gentil, que seja mais parecida com a gente.

Como o poeta, eu quis rever-te, pátria minha Parahyba, e para rever-te esqueci de tudo. Deixei casa-livros-gatos-filhos e trinta e cinco anos de vida em Natal e estou de volta, agasalhada em teu seio, tomando conta de tu, minha Parahyba amada, pra que ninguém se meta a besta pro teu lado. Porque tu és Parahyba, e és a minha pátria.

01/02/2006



O solo movediço da memória

As lembranças da infância são todas lembranças sensoriais. Essa é a base comum das recordações mais antigas da nossa vida, porque é primeiro com os sentidos que aprendemos o mundo, para depois compreendê-lo com a razão. Isso é tão forte que muitas vezes estamos em algum lugar e uma melodia ou um cheiro nos atinge como um tijolo de saudade, despertando a lembrança pungente de uma época em que a gente não era nem gente direito, onde a mãe não era a mulher que nos gerou mas apenas um colo quente, macio e aconchegante, um vago perfume de água de colônia Regina, uma voz de contralto cantando Maria Betânia ou Senhor da Floresta e a garantia de necessidades eternamente satisfeitas.

O pai não era o provedor, o chefe da família, o dono da casa: era tão somente um bigode que fazia cócegas, cheirando a café e cigarro, vestido de linho engomado que arranhava a pele e o irmão novinho era uma mistura amedrontadora de cheiros e barulhos, desconhecidos ainda, uns deliciosos e outros desagradáveis. Outras maravilhas eram os quadrados azuis e brancos

da toalha da mesa, o café-com-leite bem doce deixando esfriar na xícara de louça grossa, a colcha de labirinto engomada em cima da cama, e a galinha no quintal, que olhava duas vezes para cada carço de milho para depois bicá-lo com precisão de tiro-ao-alvo.

Havia ainda a feira, uma babel de cheiros, sons e cores, soterrando os sentidos com um exagero de informações. O papel cinzento e grosso onde se embrulhava a carne verde, úmido de sangue depois de minutos, o cheiro ativo do coentro, as barracas de fumo, com seus negros e perfumados rolos. O chão sempre molhado, escorregadio, na lama verde-amarela de cascas de frutas e folhas pisoteadas. O País Encantado das panelinhas de barro, cavalinhos, bois e vaqueiros, vermelhos, amarelos e azuis, com florezinhas brancas. O rosário de coco- catolé, as amêndoas enfiadas uma a uma num cordão, guardadas para comer mais tarde. A doçura do alfenim, derretendo-se lentamente na boca, com economia, para não acabar logo.

Na feira o cego, com suas filhas, as vozes estranhas desafiando uma melopéia atrás da outra, um canto tosco e rude, acompanhado do chasqueado do ganzá, os olhos de não-ver buscando um inexistente céu. E a imagem mais forte; a cuia de queijo-doreino, vermelha por fora e dourada por dentro, onde as moedas caíam tilintando, dançavam e depois se aquietavam umas sobre as outras, valiosas como essas lembranças que surgem, retinem no ar e depois, com lentidão e suavidade, vão se aquietando de novo, no solo movediço da memória.

01/06/2005



Redescobrimo a cidade

Caminhando pelo centro da Capital, ao longo das ruas Duque de Caxias, Peregrino de Carvalho e outras próximas ao Ponto de Cem Réis, mesmo com toda a balbúrdia dos camelôs e as calçadas atravancadas de gente, não consigo deixar de imaginar o que teriam sido essas ruas e esses lugares algumas – ou muitas – décadas atrás.

Os prédios hoje abandonados nos revelam essa grandeza passada, com seus ornamentos arquitetônicos, gradis e brasões sobre as portas principais. No meio disso tudo, destaca-se a Igreja da Misericórdia, um dos templos primeiros da nossa colonização, pétrea, solene, e hoje quase sufocada pela borbulhante vida comercial em seu entorno.

Tenho essa mania de imaginar. Olho uma gamboa de rio e já vejo o gigantesco plessiossauro caminhando no seu leito, abocanhando as folhas mais altas da vegetação. Olho para um prédio desses, e deixo de ver os camelôs, a vida moderna, e pinto logo o quadro mental de trezentos anos atrás. Passando na Misericórdia, entrei para ver o trabalho de restauração que está sendo feito, e

conversei um pouco com a restauradora Piedade. Conheci os meninos aprendizes que ali trabalham, trazendo novamente aos nossos olhos a delicada pintura original do teto, escondida por décadas sob uma criminosa camada de tinta branca.

Piedade me mostra uma capela lateral, com duas escavações lado a lado e me diz que há a suposição de ali terem sido enterrados Duarte Gomes da Silveira e sua mulher, embora disso não haja provas. Pronto: já sinto o cheiro de incenso e vejo a igreja repleta de pessoas enlutadas e o féretro do riquíssimo senhor de engenho, um dos primeiros da Paraíba, repousando solene no ataúde, despojado de sua riqueza terrena por Aquela que nos nivela a todos, pó do mesmo pó.

Em frente à Igreja da Misericórdia, uma janela aberta me atrai a atenção e vejo lá dentro um grupo de majestosas cadeiras em madeira escura, estofadas de veludo. Entro e o porteiro me informa: é a sede do Clube Cabo Branco. Dois homens discutem sobre futebol em altas vozes e, junto a uma janela, óculos na ponta do nariz, um homem sem idade de tão velho lê um jornal. Mas eu vejo os graves e endinheirados senhores de outras décadas, com seus ternos de abotoadura dupla, charutos, conhaque e alvos lenços perfumados com colônia inglesa, a conversar sobre dinheiro e política, tramando e forjando futuros e destinos.

E assim, envolta nessas visões, redescubro a cidade.

27/04/2005



História da Parahyba: uma paixão

Um dia desses, arrumando minhas estantes descobri, para minha agradável surpresa, que sou dona de razoável acervo de publicações sobre a Parahyba. Entre esse despotismo de material impresso, fiquei feliz em localizar as edições originais e autografadas dos livros de Cristino Pimentel, “Pedacos da História da Paraíba” (1953), “Abrindo o Livro do Passado” (1956) e “Pedacos da História de Campina Grande” (1958). Também autografados e em edições originais: “Brejo de Areia”, de Horácio de Almeida (1957) e “História de Campina Grande” (1962) de Elpídio de Almeida; e “Datas Campinenses” (1947), de Epaminondas Câmara.

Esses livros faziam parte da biblioteca do jornalista Nilo Tavares, meu pai. Tenho muitos outros sobre a Parahyba e sua história, diligentemente garimpados e comprados em sebos, cheios de valor histórico, literário e sentimental. Mas um deles é especial. Refiro-me a um delicioso volume do “Anuário da Paraíba - 1934”, organizado pelo bacharel Samuel Duarte e publicado pela Imprensa Oficial.

Agrada-me folhear este livro, pela variedade de informações que contém e pelas curiosidades que o recheiam. Muitas fotos da década de 1930 revelam o inocente bucolismo e o ar provinciano da capital, para sempre perdido e devorado pela patrol niveladora do progresso. O anuário contém vários artigos e em um deles Coriolano de Medeiros relaciona o primeiro índice alfabético da imprensa paraibana, onde são nomeados 242 periódicos; em outro, sob o título “A Volta ao Uniforme de Mme. Eva”, Heitor Muniz defende o nudismo (sim, minha gente, o nudismo!), dizendo que ele faz parte da mentalidade moderna, não devendo sua prática se deixar vencer por preconceitos. E isso foi pelo menos cinquenta anos antes de Tambaba.

Na página 58 há um anúncio da Chapelaria Yara, de F. F. Rabay & Cia., com endereço na Rua Barão do Triunfo, 482. Anuncia um “permanente stock de chapéos pelos mais recentes figurinos de Paris, fôrmas, flôres, fitas e demais artigos concernentes ao ramo”. E ao final, entre informações sobre as Repartições Públicas descubro que, naquele ano de 1934, o Secretário de Fazenda, Agricultura e Obras Públicas do Estado era o então Tenente Ernesto Geisel. O jornalista Petrônio Souto contou-me parte dessa história e a sua aventura quando entrevistou, décadas depois e em pleno governo militar, os assessores que trabalharam com Geisel naquela época.

É História, meu caro leitor. Uma paixão que quando se junta à paixão pela Parahyba torna o assunto inesgotável.

13/04/2005



O meu primeiro morto

Uma figura da minha infância de quem guardo as mais vívidas recordações é Félix Araújo, um dos mais carismáticos líderes populares da Paraíba. Nascido em Cabaceiras em 1922, estudou em Campina e depois na capital. Aos 22 anos de idade, apresentou-se como voluntário para lutar na frente de batalha na Segunda Guerra Mundial. Voltando da guerra, fixou-se em Campina Grande onde casou em 1947 com Maria do Socorro Douettes. Ele já era amigo dos meus pais antes do casamento; depois, os casais estreitaram a amizade e eu brincava muito de bonecas com Tamar, sua filha, criancinha como eu.

As recordações que tenho de Félix Araújo não são as da sua atuação no cenário político da cidade, sempre figura de destaque, comprometido com as causas populares. Muito criança na época, lembro-me de Félix como aquele homem tranqüilo, que junto com meus pais lia poesia e discutia idéias. Suave quando lia poemas de amor, inflamava-se nas discussões políticas, sempre ansiando em ajudar ao próximo, sempre se colocando contra as injustiças e desigualdades sociais. Às vezes aparecia lá em casa à

tarde, sentava em uma cadeira na cozinha e tomava o café recém-coado, comia “orelha-de-pau”, bolo de fubá delicioso que ele adorava e que sempre acompanhava o nosso café, receita preciosa trazida por Mamãe do seu Cariri natal. Ele me sentava no colo e eu o achava tão magro, com aqueles óculos de armação escura, o bigode e as histórias que contava da guerra.

Na tarde de 13 de julho de 1953, Félix foi abatido pelos tiros de um assassino de aluguel, a soldo dos poderosos a quem incomodava por ficar sempre ao lado dos que moravam nos “mocambos esquecidos onde a miséria tombou”, nas suas próprias e inspiradas palavras. Depois de longa agonia, faleceu no dia 27 de julho do mesmo ano.

Morávamos na Rua Antenor Navarro, em Campina, quase em frente ao necrotério para onde foi trazido o corpo, para que se fizesse a sua máscara mortuária. Mamãe, transtornada pela dor, para lá se dirigiu, onde ficou ao lado do amigo que parecia dormir sobre a pedra no necrotério. De tão desorientada pela perda, ela sequer notou que eu, criança de cinco anos, a seguia, presenciando a cena. Félix Araújo foi o meu primeiro morto, o primeiro que vi, frio e branco, abandonado pela centelha da vida. Até que alguém notasse minha presença e me retirasse dali, fiquei estática, cantarolando baixinho o hino da campanha política, um hino de luta e esperança, que ele havia escrito e nos ensinado a letra, e que trago até hoje na memória: “De pé, ó pobres! Ó vítimas da sorte, com Deus e o Povo, contra a opressão...”

04/05/2005



À procura do tempo perdido

No quesito recordações de infância, há uma importante lembrança culinária: a orelha-de-pau. Tal como a madeleine proustiana, a orelha-de-pau desencadeia na minha memória todo um tempo perdido, um tempo de infância, um tempo-que-não-volta-mais. Depois que fui morar na minha própria casa, sempre que voltava à casa de Mamãe pedia a ela para fazer as comidas de que eu gostava: sopa de feijão, cuscuz com coco, umbuzada, delícia de abacaxi... Coisas simples, que eu podia comer em qualquer lugar mas que somente Mamãe sabia fazer exatamente do jeitinho que me agradava.

Nada, porém, se comparava à “orelha-de-pau”, um bolinho frito feito de fubá, com o aspecto de um disco chato e dourado e uma superfície crocante que nos enchia a boca de água. A orelha-de-pau sempre estava presente nos nossos lanches da tarde, acompanhados de café. Assistimos Mamãe preparar aquela delícia tantas vezes, misturando o fubá, o leite e o açúcar e depois fritando a mistura no óleo que nunca nos preocupamos em registrar a receita, tão simples e natural aquilo nos parecia.

Depois que Mamãe morreu, Ledinha, minha cunhada, tentou preparar a receita e não acertou. Não deu o ponto. Ficava muito mole, ou muito seca, ou se quebrava toda, ou não repetia o sabor. Tentamos todas as combinações possíveis de quantidades de leite, fubá, açúcar e outros ingredientes e as orelhas-de-pau não aconteciam. Em seu lugar, surgiam discos quebradiços, grumosos, sem sabor e sem a sua crocante consistência. Perdeu-se a receita, pensávamos com tristeza.

Aí, fui passar uma semana na região do Cariri paraibano, em Monteiro e, na pousada, ao entrar para tomar o café da manhã, senti aquele cheiro de infância, aquele odor pungente de saudade. Meu coração acelerou e a garganta ficou grossa de emoção: era o cheiro das orelhas-de-pau que Mamãe fazia! E lá estavam elas, meu caro leitor, douradas e crocantes, empilhadas umas sobre as outras, ainda quentinhas. Lembrei-me de que minha mãe era caririzeira de Coxixola, e que a orelha-de-pau pertence à tradição culinária daquelas plagas.

A cozinheira ensinou-me então a alquimia perdida dos ingredientes e dosagens que hoje quero aqui compartilhar com você. São duas xícaras de fubá, uma xícara de farinha de trigo, dois ovos inteiros, uma xícara de açúcar, uma colher de sopa de manteiga, um copo de leite, duas colheres de chá de fermento, uma pitada de sal. Misture tudo com uma colher de pau, sem bater; a mistura tem a consistência de um mingau, que você frita às colheradas no óleo quente.

Delícia do meu Cariri, sabor de infância, cuja riqueza calórica proíbe o consumo diário mas a transforma em uma transgressão excitante e realizada com prazer.

11/05/2005



Meu coração sertanejo

O tempo está chuvoso. Nessa nossa região litorânea faz uns três ou quatro dias que o céu se encarçou de nuvens que depois se rasgaram em cachoeiras, cataratas, catadupas e torrentes, que saíram levando de oito as moradias mais frágeis, a planura das ruas não calçadas e a paciência do vivente que, morando na cidade, sofre com os transtornos trazidos pelas águas que descem dos céus.

Mas eu gosto. O céu nublado e tempestuoso é bem mais interessante e movimentado do que o céu de brigadeiro; e a coreografia dos relâmpagos, em lugar de me amedrontar, torna a noite tão cinematográfica como uma entrega de Oscar.

Tem ainda uma parte minha que se alegra com a chuva: é o meu coração caririzeiro, que herdei do lado materno da minha família, dos meus antepassados Santa Cruz. Quando os pingos começam a cair, sinto uma alegria ancestral, um contentamento atávico, incompreendido pelos citadinos que vivem comigo, que não entendem como a chuva pode trazer prazer a alguém.

Quando chove, o meu coração se embandeira todo. Vou para a varanda, e tento decifrar o céu. É muita chuva, ou é somente uma nuvem? Vai segurar, o aguaceiro? Ali fico, com as mãos nas costas, repetindo a postura de Mamãe, que repetia a de meu avô Pedro Quirino, que repetia a do pai dele Quirino Eduardo, lá de Alagoa de Baixo, hoje Sertânia.

E escuto as glosas dos poetas Rogério e Chico Alves: “Vou pra ver o açude botar cheia/ Que o sertão quando chove é um encanto/ O volume da água aumenta tanto/ Que a garganta da serra se aperreia/ O trovão estremece, o céu clareia/ O açude transborda, a mata cheira/ Sopra o vento, as estradas sem poeira/ Rio cheio, sol frio e flor no prado/ O açude está cheio, o chão molhado/ Vou voltar pro sertão segunda-feira.//”

“Todo adorno daqui eu vou deixar/ Avenida, mansão, rodoviária/ Praça, praia, gramado, luminária/ Quero ver é o brilho do luar/ E o redemoinho esfuziar/ Pé-de-serra, valado e capoeira/ E dos estalos do vento na madeira/ Escrever um martelo agalopado/ O açude está cheio, o chão molhado/ Vou voltar pro sertão segunda-feira.// “

“No início o carão deu um aviso/ Uma nuvem rasgou-se e fez inverno/ E o sertão que sem água era um inferno/ Num minuto tornou-se um paraíso/ E nós vamos tirar o prejuízo/ Desses anos de seca e quebradeira/ Vamos ter nos festejos da fogueira/ Milho verde, canjica e bode assado/ O açude está cheio, o chão molhado/ Vou voltar pro sertão segunda-feira.”

18/05/2005



Noites brancas

Eu não gosto de forró eletrônico, de forró “universitário”, desse forró falso e mecânico que só sobrevive às custas de bailarinas de traseiro empinado. Eu não gosto de festa de São João com som amplificado, ensurdecedor. Eu não gosto de teclado no lugar da sanfona. Eu não gosto de pamonha e canjica feitas em série e vendidas nos supermercados em pratinhos de plástico. Eu não gosto daquela tapioca redonda, pequena e grossa, recheada de presunto ou chocolate. Eu não gosto das roupinhas de matuto para crianças vendidas nas barracas que margeiam as avenidas. Eu não gosto das festas juninas que competem umas com as outras para ver quem faz a maior, obstruindo ruas, infernizando a vida dos moradores e enlouquecendo a vizinhança com o barulho. E, acima de tudo, eu abomino as tais quadrilhas estilizadas, invenção ridícula da indústria de massa, com suas coreografias imbecis e seus enredos absurdos.

Mesmo assim o São João ainda é a festa mais bonita do Nordeste. Mas o que eu gosto no São João, minha gente, quase tudo que eu gosto não existe mais. O bom do São João era o

milagre dos grãos de milho se transformando pela magia das mãos habilidosas das cozinheiras em uma pasta amarela e saborosa que, mexida por horas ao fogo se transformava na canjica; ou a solução genial de cozer outra mistura na própria palha, criando a pamonha, enquanto as crianças, sentadas no chão, faziam bonecas loirinhas ou ruivas com as espigas de milho. O bom do São João era a fogueira armada na frente da casa, os vizinhos chegando, as conversas, e o quarto de bode que depois de dormir o dia todo no tempero acordava em estalos sobre as brasas, prenunciando delícias de sabor.

O bom do São João eram as estrelinhas cuidadosamente seguras nas pontas dos dedos que depois de acesas rebentavam em maravilhas luminosas, trazendo para o canto da sala todo o mistério do Big Bang original. O bom do São João era o forró dançado nas latadas dos sítios, com sanfona, triângulo e zabumba, sem microfone nem amplificador, a poeira subindo e o chiado das chinelas marcando o tempo preciso do andamento, sem coreografias mirabolantes, mas misturando o suor nos corpos quentes, colados e excitados. O bom do São João era Jackson do Pandeiro, Marinês, Luiz Gonzaga, Elino Julião e o Trio Nordestino. O bom do São João eram os versos mais lindos que já se escreveu sobre essa festa: “Olha pro céu, meu amor/ vê como ele está lindo...”

Tudo isso já foi embora, tragado pelo tempo. Permanece somente o ar cortante e frio da Serra da Borborema e as noites brancas de Campina Grande, como que velando a casa do Alto Branco, solene e silenciosa, órfã da fogueira, dos risos e da festa.

22/06/2005



Leituras tardias

Quando fiz mestrado na Universidade Federal de Pernambuco, nos anos de 1978 e 1979, estávamos em pleno final da ditadura militar. No mestrado, entre outras leituras, líamos Fernando Henrique Cardoso, Chico de Oliveira e Manuel Correia de Andrade. E, é claro, muito Marx, Gramsci e Althusser. Sabíamos decorado um livro de Martha Harnecker “Os Conceitos Elementais do Materialismo Histórico”. E corríamos dos chamados “funcionalistas” como o diabo corre da cruz. Execrávamos, como bons radicais, esses autores, e só conhecíamos um lado da moeda: o nosso. Isso porque não havia mesmo necessidade de conhecer a opinião dos outros que não pensavam como nós: esses eram a “direita”, a “repressão”, “os homens”.

As turmas não se misturavam, marxista só andava com marxista e todos, dentro do seu gueto pessoal, estavam de acordo uns com os outros. Essa atitude, que hoje reconheço limitada mas que era normal naquele tempo, privou-me de um monte de leituras interessantes que somente muitos anos depois pude desfrutar sem achar que estava traindo a mim e ao povo brasileiro.

Entre elas incluo textos espiritualistas e filosóficos, romances, poemas e ensaios de autores ditos “reacionários”.

Um dia desses, pensando sobre isso, dei-me conta de que nunca havia lido Gilberto Freyre, provavelmente por esses motivos. Encontrei na estante “Sociologia do Açúcar” e “Assombrações do Recife Velho”. Dei uma lida, uma folheada, e fui arrebatada pela força do texto, pelo colorido das descrições, pela erudição demonstrada e pela constatação de que, mesmo não concordando com grande parte das abordagens do autor – afinal, não escapei impunemente de tanta leitura marxista – era possível reconhecer o brilho e a estatura de um grande pensador.

Mais que depressa tratei de adquirir as preciosas edições que a Editora Global fez de “Casa Grande e Senzala”, “Sobrados e Mocambos” e “Ordem e Progresso”, e estou empreendendo a leitura desses monumentos literários, imaginando como teria sido bom se eu tivesse lido Gilberto Freyre há mais tempo. Essa leitura teria contribuído para ampliar meu pensamento e minha visão das coisas, principalmente pela visão dele ser diferente da minha em muitos sentidos.

Para finalizar, um fato interessante sobre Freyre. Em 1916, ele veio à Parahyba a convite de Carlos Dias Fernandes para fazer uma palestra no Cinema Pathé. Falou sobre Spencer e sobre as questões da Educação no Brasil. Sabe quantos anos ele tinha, meu caro leitor? Dezesseis anos.

13/07/2005



A visita do Imperador (I)

Na “História da Paraíba” de Horácio de Almeida, na página 155 do segundo volume da edição de 1978, encontro o relato da visita do Imperador D. Pedro II a este estado, em dezembro de 1859, há quase 150 anos.

Hoje, quando vemos pela TV as visitas dos governantes aos rincões perdidos do Brasil, mas que na sua maioria já dispõem de estradas, telefone e hospedagem adequada, sequer fazemos idéia do que era uma viagem dessas em meados do século XIX. Aos curiosos, amantes de detalhes, recomendo a leitura integral do trecho citado, mas dele quero pinçar, para o seu deleite, alguns flagrantes de interesse.

O imperador chegou de navio a 24 de dezembro, acompanhado da Imperatriz e de ministros, viscondes, outros nobres, secretários, mordomo, camareiro, médico, capelão e damas de honra da Imperatriz. Em outro navio viajava o restante da comitiva, a criadagem e uma banda de música.

Desembarcou às quatro da tarde no cais do Varadouro e depois de receber homenagens e as chaves da cidade dirigiu-se,

debaixo do pátio, para assistir ao “Te Deum” na Igreja Matriz, passando ao longo do trajeto por baixo de arcos em estilos variados, do gótico ao romano, acompanhado de uma multidão estimada pelos jornais da época em cerca de dez mil pessoas. Ao fim da cerimônia religiosa, rumou para o Palácio do Governo (Paço Imperial) onde chegou às sete da noite, ocupando a sala do trono e dando a mão a beijar até às nove, quando foi servido o jantar, em porcelana de Sévres e baixela de prata.

Após um pequeno descanso, D. Pedro foi à meia-noite ouvir a Missa do Galo, celebrada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, templo que não existe mais, tendo sido demolido na década de 1920 para ampliação do Palácio do Governo.

No dia seguinte visitou igrejas, conventos, hospitais, quartéis e prisões, fazendo perguntas, tomando notas e distribuindo esmolas. O dinheiro era conduzido pelo mordomo real e os donativos entregues na hora, pelo próprio Imperador que, juntamente com o seu séquito, fazia o trajeto a cavalo. Nenhuma rua da cidade tinha calçamento, e a comitiva despertava o silêncio da cidade provinciana com seu tropel, levantando nuvens de pó. Segundo os relatos, ele quis ver de perto, nos quartéis, a ração dos soldados; e na cadeia entrou nos cubículos para ouvir as queixas dos presos.

Às quatro da madrugada do dia seguinte, 26 de dezembro, D. Pedro partiu para visitar a vila de Pilar. Mas isso somente na próxima semana eu conto como foi.

20/07/2005



A visita do Imperador (II)

Na semana passada comecei a falar aqui da visita do Imperador D. Pedro II à Paraíba em dezembro de 1859, como relata Horácio de Almeida em “História da Paraíba”, e deixei a história pela metade, pelo que agora continuo.

Depois de dois dias na capital, D. Pedro dirigiu-se à vila de Pombal, parando no caminho para almoçar com a comitiva no Engenho Maraú, pertencente aos frades beneditinos. Estes, apesar de avisados com antecedência, não providenciaram comida e o monarca passou fome logo no primeiro dia, tirando direto até Pilar, fazendo 12 léguas (72 km) em menos de sete horas, a cavalo, por caminhos estreitos e esburacados.

Mas em Pilar foi pior. O presidente da Câmara, mesmo tendo sido avisado da visita imperial e tendo recebido um conto de réis para as providências necessárias, nada fez. A Casa da Câmara estava suja e desarrumada, sem móveis e não tinha condição de hospedar o Imperador; e até hoje é um mistério como a augusta personagem fez para comer e dormir, uma vez que não há relatos a respeito.

Saiu no outro dia de Pilar para Mamanguape às quatro horas da madrugada, parando para almoçar no engenho Pau d'Arco, onde tudo estava preparado para recebê-lo. Segundo Irineu Pinto, o almoço foi opíparo e o monarca e a comitiva devem ter tirado a barriga da miséria, depois da fome passada no dia anterior. Foram 13 léguas (78 km), de Pilar a Mamanguape, vencidas a cavalo em menos de oito horas. Retornou D. Pedro à capital por outro caminho, no dia 28, tendo cavalgado 12 léguas em sete horas e meia.

Horário de Almeida é quem relata: “As jornadas eram de estrompar. D. Pedro II era bom cavaleiro e estava na força dos seus 34 anos. Mas o visconde de Sapucaí tinha o dobro da sua idade. E as provas que suportou faziam botar a alma pela boca a gente mais moça.”

De volta à capital, onde permaneceu mais dois dias, deu audiências e participou de festas e solenidades. Visitou a Alfândega, o tesouro provincial, a fonte do Tambiá, o Liceu, as escolas públicas e a ponte do Sanhauá. Mandou que se consertasse a ponte, que ameaçava desmoronar, e deu quatro contos de réis para que fosse removido o matadouro do centro da cidade. O hospital da Santa Casa de Misericórdia recebeu seis contos de réis.

À noite, um grandioso baile no salão da Assembléia Provincial marcou o final da visita, com a presença “... do que havia de melhor na sociedade paraibana”. No dia 30, muito cedo, o Imperador embarcou de volta ao Rio de Janeiro.

27/07/2005



No mundo da História

Tem coisas na vida da gente que quando acontecem modificam nosso destino. É um livro que se lê, uma história que se ouve, um toque que alguém nos dá. Um pequeno estímulo, desencadeando um *insight* fundamental, que vai nos iluminar a vida inteira.

Um desses toques que jamais esqueci me foi dado quando eu tinha uns onze ou doze anos, pela minha professora de História, no Colégio Alfredo Dantas, em Campina Grande. Eu não gostava muito da matéria e me queixava das datas, que eram muitas e que eu não conseguia decorar.

“A História não são as datas”, ela me disse. “A História são os acontecimentos. Imagine, por exemplo, a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro. Feche os olhos e veja a confusão do porto, o sol quente, as mulheres com aqueles vestidos complicados, as perucas altíssimas, os carregadores correndo de um lado para o outro e a meninada se aproveitando da confusão para roubar doces dos tabuleiros das vendedoras.

Eleonora Loureiro, minha professora de História, me ensinou a ver com os olhos do pensamento. Desde, então, tenho um amor desvairado por essa disciplina. Gosto porque posso ver, como se estivesse vendo um filme, tudo aquilo que aconteceu. Até hoje me deleito com o tema e tenho uma boa biblioteca de história do Rio Grande do Norte e da Parahyba.

Entre tantas, existe uma passagem interessante na “História do Rio Grande do Norte”, de Tavares de Lyra. Conta ele que depois que os holandeses foram expulsos, os índios janduís, que habitavam o interior, passaram a atacar com ferocidade os colonos portugueses. Matavam o gado, os cavalos, destruíam roças e fazendas, em hordas selvagens que se precipitavam sobre os moradores desamparados. Refere o cronista: “O Rio Grande podia contar com 300 homens brancos para as armas sendo, entre estes, cem solteiros que desapareciam dada qualquer eventualidade ofensiva, e os duzentos eram poucos para a defesa de suas famílias.”

Imagine o quadro: ao ouvir a notícia de que os ferozes janduís estavam por perto, os mesmos homens que talvez contassem vantagem nas esquinas – se é que a cidade as tinha na época – simplesmente sumiam, se escafediam, “capavam o gato”, como se diz na gíria. Deviam ficar escondidos em sítios próximos até que as coisas se acalmassem. Os casados talvez só não fizessem a mesma coisa porque certamente era impossível fugir com mulheres e crianças. Não é um passado muito heróico mas está aí, registrado. Histórias antigas, mas vivas e cheias de cor quando podemos enxergar com os olhos da imaginação. Visão encantada, tramada no tear da memória, fonte inesgotável de diversão e prazer.

24/08/2005



O lenço enigmático

Um dos folhetos de cordel que mais me encantam é “O Pavão Misterioso”, de José Camelo de Melo Rezende. Todo mundo o conhece, e a simples menção do seu título já dispara a seta da nossa fantasia em busca de viagens aladas, amores dificultosos e o triunfo da esperteza sobre a força. E antes que alguém venha me corrigir, dizendo que o “Pavão” não é de José Camelo, mas de José Melquíades, respondo que sempre houve divergências sobre a autoria da obra mas tudo indica que os versos são mesmo de José Camelo. O espaço aqui é pequeno para falar sobre essa questão da autoria; e o que queria mesmo era registrar minha paixão por essa história, que me acompanha desde a infância, quando os versos me chegavam lidos de noite por Mamãe, sentada no batente da porta da frente, cercada pelas crianças e empregadas.

Já o adaptei para o teatro, em Natal, no ano de 1996, com direção de Marcos Bulhões, e garanto que foi o espetáculo mais lindo que eu já fiz. Introduzi-o na minha novela “A Botija” (São Paulo, Editora 34, 2006), onde o recontei em prosa, com todas

as descrições que a minha imaginação houve por bem inventar, e sei o “Pavão” todinho decorado, de cabo a rabo, recitativo que dura mais ou menos 40 minutos para desfiar suas cerca de 140 estrofes.

Encanta-me sobretudo nessa obra a presença da tecnologia, tornando o “Pavão” assim meio um folheto de “ficção científica”. O pavão nada mais é do que um helicóptero, que pousa e decola verticalmente: “Movido a motor elétrico/ Depósito de gasolina/ Com locomoção macia/ Que não fazia buzina/ A obra mais importante/ Que fez em sua oficina.// Tinha a cauda como leque/ As asas como um pavão/ Pescoço, cabeça e bico/ Alavanca, chave e botão/ E voava igual ao vento/ Para qualquer direção.”

Além do pavão propriamente dito, há ainda no folheto a presença de uma serra, precursora das nossas atuais serras portáteis: “Edmundo ainda lhe deu/ Uma serra azougada/ Que serrava caibro e ripa/ Sem fazer qualquer zoada/ Tinha dentes de navalha/ De gume bem afiada.” Com ela, Evangelista, o herói, depois de aterrar silenciosamente com seu pavão-helicóptero na cumeeira do palácio, praticava uma abertura pela qual podia descer e contemplar a sua amada Creuza. Ao aparecer o feroz Conde, pai da moça, entrava em cena o outro objeto: “Deu-lhe um lenço enigmático/ Que quando Creuza gritava/ Chamando pelo pai dela/ Aí o moço passava/ Ele no nariz da moça / Com isso ela desmaiava!” Um lenço enigmático, meu caro leitor, que nada mais devia ser do que um lenço embebido em clorofórmio, anestésico e desmaiante. História aventureira para ninguém botar defeito, há décadas encan-tando gerações.

21/09/2005



Memória viva

Nessas minhas andanças pelo interior interesse-me muito pela história local. Pergunto onde posso encontrar livros a respeito e vou catando um aqui outro acolá, tentando compor uma galeria das cidades da minha querida Parahyba, com sua crônica avoenga, suas famílias ilustres, seus edifícios históricos. Tenho vários volumes sobre a história de Campina Grande, minha terra, entre os quais os de Cristino Pimentel, seu cronista mais amoroso. Reside também na minha estante o “Brejo de Areia”, de Horácio de Almeida, na primeira edição, presenteada a meu pai por Átila Almeida, filho do autor. Muitos municípios também aí estão representados, e entre eles destaco Alagoa Nova, no livro de José Borges de Sales “Alagoa Nova: notícias para sua história”, um edição de 1990 que me foi enviada pelo autor. Cito também três livros de Humberto Fonseca de Lucena sobre Araruna: “As raízes do ensino em Araruna” (Edições FCJA, 2004); “Memória de uma farmácia” (UFPB, 1991) e “A freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra de Araruna” (A União, 2000).

Por que o destaque a esses livros que contam fatos quase

perdidos no tempo e que somente interessam a poucas pessoas ligadas àquela cidade, àquela região? Porque esses livros, meu caro leitor, são o documento vivo de épocas e fatos que, se não fosse a tenacidade desses homens, cairia no esquecimento. São esses historiadores dedicados, sem cátedra universitária e sem financiamento para pesquisas, puxando pela memória, conversando com um, conversando com outro, recuperando cartas, papéis, documentos e fotografias que vão, palavra a palavra, linha a linha, página a página, escrevendo o livro da nossa história. Não há como deixar de louvar esse trabalho documental, trabalho de formiga, edições muitas vezes feitas com recursos próprios, com distribuição precária, quase artesanal. Se eu fosse governante instituiria no orçamento uma verba somente para financiar a realização desses livros, antes que as pessoas vivas, depositárias do conhecimento, dos fatos e, muitas vezes, dos documentos escritos e fotográficos, deixem este mundo levando a memória; e os herdeiros, na ânsia de limpar, de arejar tudo, de espantar o cheiro da morte, dêem fim aos velhos papéis.

Quando viajo para alguma cidade, as pessoas, desejando ser gentis, querem me levar para conhecer cachoeiras, grutas ou cruzeiros no alto da serra. Agradeço e digo que não, que prefiro gastar meu tempo conversando com alguma pessoa idosa, que sempre tenha morado ali. E, com meu gravador em punho, reco-lho histórias, memórias e fatos do passado. Gravados, escritos, eles não perecerão com o tempo.

28/09/2005



Meu amor por D. Pedro I

Quando, aos onze anos de idade, fui estudar no Alfredo Dantas, em Campina Grande, descobri que, nas comemorações do 7 de setembro eu teria que desfilar marchando, mas na última fila, porque era pequena para a minha idade e era a menorzinha de todas. No primeiro ensaio, as meninas maiores riam de nós, as “pequenas”, e eu, valendo-me de “desmaios” de mentira que D. Alcide, a diretora, e Mamãe tomaram como verdadeiros, consegui ser retirada da formatura e dispensada da humilhação pública de ser a última menina das fileiras.

Aos quatorze anos, já tendo conseguido alguns centímetros a mais, fui tomada de paixão avassaladora por D. Pedro I, ou melhor, pelo garoto de quinze anos que representava o Imperador, cavalgando um imenso cavalo negro que o pai mandava vir direto da fazenda para o filho montar no “dia 7”. O menino era tão lindo, com seu bigode desenhado a lápis, a jaqueta azul com botões dourados e a calça branca enfiada no cano das botas negras de couro, que eu sentia o coração parar quando ele passava, com as ferraduras do cavalo tirando faíscas nas pedras do calçamento.

Esperei ansiosamente ser escolhida para fazer parte do pelotão das “gregas”, meninas vestidas com uma túnica curta que deixava à mostra as pernas e uns dez centímetros de coxa. Quando já me considerava eleita fui recusada porque além das pernas grossas era preciso também ser bonita, e eu não era. Para me consolar, comecei a brincar com os instrumentos da banda e descobri que era hábil no tarol; alguém me ensinou uns solos e daí a pouco eu era a nova sensação do ginásio, entre rufos e contratempos. O tarol vinha na frente da banda, e era uma posição de destaque, onde o que valia era a habilidade e não as pernas grossas ou a cara bonita. Saí orgulhosíssima para o primeiro ensaio nas ruas da cidade, alimentando a secreta esperança de que D. Pedro reparasse em mim.

Mas deu tudo errado. Na cidade pequena, a novidade logo chegou aos ouvidos de Papai que, quando cheguei da aula, proibiu minha nascente carreira marcial com uma frase seca: “Não quero filha minha tocando tambor pelo meio da rua”. E pronto. Novamente jogada para o último pelotão, sem tarol ou roupa de grega, só me restou desmaiar no sol quente e ser dispensada outra vez da formatura.

Quanto a Dom Pedro, nunca mais o vi, nem soube dele. A voraz passagem do tempo consumiu na minha memória o seu nome, deixando apenas o bigode feito a lápis, o lampejo da jaqueta azul num dia claro de sol e o grito de “Independência ou morte!” lançado pela sua garganta adolescente enquanto o cavalo negro erguia para o ar as patas indóceis.

21/05/2008



A Livraria Pedrosa

Em Campina Grande havia uma livraria, a Livraria Pedrosa, pela qual meu pai sempre passava para dar uma olhada nos livros e conversar com Pedrosa, o proprietário, seu amigo. Desde menina, e como andava muito com Papai, habituei-me a ficar mexendo nos livros enquanto eles batiam papo, abrindo um aqui e outro ali, ao sabor da minha curiosidade. Como em casa também tínhamos muitos livros, por todos os cômodos da casa, desde muito cedo aprendi a amar os livros e a leitura.

Quando me tornei adolescente, recebia mesada e gastava esse dinheiro com as bobagens que todas as garotas gostam: cinema, lanches, maquilage e... livros. Nesse último item eu diferia um pouco das minhas amigas porque nunca deixei de passar pela Livraria Pedrosa algumas vezes por semana, já que o hábito tinha sido formado desde criança. Muitas vezes, porém, o dinheiro não dava, e eu ficava horas com um livro na mão, olhando, lendo trechos, até que Pedrosa – o dono – se aproximava e dizia: “Gostou do livro? Pois leve. Depois eu falo com seu pai, ponho na conta dele.” Como Papai nunca falava nada sobre essas

minhas compras, eu acho que Pedrosa apenas me presenteava com o livro, jamais tendo cobrado dele qualquer quantia. As manhãs de sábado passadas na Livraria Pedrosa, mexendo em suas velhas estantes de madeiras, são uma das mais fortes lembranças dos meus primeiros vinte anos em Campina Grande.

Pois é, meu caro leitor. Tive sorte. Fui criada numa casa cheia de livros, por gente que gostava de ler, e aprendi a ver os livros não como um bem supérfluo mas como artigo de primeira necessidade. Líamos em casa, sozinhos e uns para os outros e não havia televisão.

Hoje, os pais querem saber o que fazer para que seus filhos adquiram o hábito da leitura. Um dos caminhos, penso, é dar o exemplo. Não adianta comprar livros para as crianças e que-rer que elas leiam se no tempo livre o pai e a mãe ficam vendo novela ou futebol na TV. Os meus pais ensinaram-me a gostar dos livros pelo seu único e espontâneo exemplo, e sempre me estimularam a ter bem perto esses indispensáveis companheiros que nos ensinam, emocionam, estimulam e nos conduzem a milhares de mundo diferentes através de suas páginas. Até hoje eles me acompanham e já são quase três mil volumes com os quais eu tenho uma relação de profundo amor.

A Livraria Pedrosa, a livraria da minha infância, tinha um slogan que se tornou para mim verdade e ensinamento: “Faça do livro o seu melhor amigo”. Venho fazendo isso a minha vida inteira, e nunca me arrependi.

16/10/2005



Meus livros mortos

Neste dia dedicado ao culto dos mortos quero aqui render homenagem aos meus livros mortos. Explico: livros mortos são aqueles livros que eu tive, mas não tenho mais. Li, gostei, li de novo, me apeguei e, de repente, ou devagarinho, eles se foram, levados emprestados por alguém que não os devolveu, perdidos sabe-se lá aonde, ou surrupiados por alguma mão desonesta que, aproveitando-se da amizade e do acesso às minhas estantes, não teve pejo de se apropriar deles.

Um desses livros é a minha primeira edição de “A Pedra do Reino”, de Ariano Suassuna, toda anotada e sublinhada. Sei quem levou, cobrei, mas a criatura diz que não, que não foi ele, e eu perdi o meu precioso volume. Depois comprei outro, uma 4ª edição, mas li todinho sem sublinhar, com desgosto. Outro morto do qual tenho saudades é uma tradução de Bárbara Heliodora, também toda anotada, para o “Ricardo III” de Shakespeare, que uma aluna de teatro levou, passou meses dizendo que ia devolver e depois sumiu. Tenho outra tradução, a de Carlos Alberto Nunes, mas vez por outra me pego com

uma saudade danada da maravilhosa tradução da Bárbara Heliadora.

E como esquecer do “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Luís da Câmara Cascudo, que meu pai me presenteou ainda na década de 1960 e que quando eu fui morar em Natal, em 1970, levei para o mestre autografar? Foram dias e mais dias passando na frente da casa e cheia de timidez em falar com personagem tão célebre. Um dia, criei coragem e toquei a campainha. Dona Dhalia, sua esposa, abriu-me a porta e eu entrei naquele santuário, sobraçando os volumes. Ele me recebeu muito bem, autografou o livro, e me dedicou cinco minutos de atenção. Receosa de incomodá-lo, não me demorei e fui para casa com meus preciosos volumes. Depois de alguns anos, notei-lhes a falta. Sumiram, e devem estar adornando a estante sabe-se lá de quem. Comprei outro, e vivo namorando a preciosa edição da Global. Mas aquele, com o autógrafo e a lembrança da tarde com Cascudo era único.

Finalmente, não consigo tirar da minha mente dois enormes álbuns de Flash Gordon que foram devorados pelos cupins. Viviam na parte inferior da estante e vez por outra eu os tirava para ler. Um dia, quando peguei no livro, veio somente a capa, feita de cartão duro. O miolo, repositório de galáxias, continente de universos, desfez-se em pó nas minhas mãos, como o planeta Mongo, devorados sem dó pelos insetos assassinos.

Para estes livros, e para todos os outros que não estão mais comigo, a minha imorredoura saudade.

02/11/2005



Histórias de Trancoso

Você já ouviu falar em “histórias de trancoso”? Um dia desses usei o termo e pensaram que eu estava falando sobre histórias passadas na cidade de Trancoso, famoso e badalado point do litoral baiano. Pois não é nada disso, meu caro leitor. Esse nome, “trancoso”, refere-se ao escritor português Gonçalo Fernandes Trancoso, autor do livro “Contos & Histórias de Proveito & Exemplo” publicado em Portugal no século XVI. Por isso, a expressão “histórias de Trancoso”, comum no Brasil e em Portugal, terminou por passar a denominar todo o conjunto de histórias populares transmitidas pela tradição oral.

Gonçalo Fernandes Trancoso viveu provavelmente entre 1510 e 1580. O seu livro é a primeira coleção conhecida deste gênero em português. A exemplo de “Facécias”, de Poggio, “Cent Nouvelles Nouvelles”, o “Heptameron” de Margarida de Navarra, a coleção de apólogos recolhidos por Don Juan Manuel no seu “Livro dos Exemplos do Conde Lucanor e de Patronio”, o “Orto do Esposo”, e muitos outros livros de histórias comuns nos séculos XV e XVI que tomaram como modelo o Decameron

(1352), o livro de Trancoso ocupa lugar de destaque em Portugal. Na sua versão completa, tem vinte contos na primeira parte, onze na segunda e dez na terceira. No prólogo da primeira parte, Trancoso explica que esta consta de “contos de aventuras, histórias de proveito e exemplo, com alguns ditos de pessoas prudentes e graves”. São relatos de ficção, destinados a divertir o público.

Segundo Anne-Marie Quint, da Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris III, “... o que é extremamente interessante é ver como Trancoso utiliza as fontes, que tipo de transposições ele opera, o trabalho de reescrita que elabora, o modo como intervém na narração: tudo isto põe em relevo o seu real talento de contista. (...) Quase metade dos contos tem como cenário uma cidade, portuguesa (Lisboa, Coimbra), espanhola ou italiana. Embora apareçam representantes de todas as classes sociais – reis, nobres, bispos e eremitãos, burgueses e camponeses –, os meios evocados com predileção são os meios burgueses urbanos: artesãos, mercadores, gente que trabalha muito e se honra de trabalhar, mas também se diverte, que se revela muito afeiçoada à família, que se preocupa pelo futuro dos filhos, respeita as obrigações religiosas e sociais e participa dos preconceitos do tempo – por exemplo no que diz respeito aos cristãos novos.”

No endereço <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/trancoso.htm> você pode encontrar duas dessas histórias. Mas devemos lembrar que o termo extrapola o nome do autor e abarca todo o mundo das histórias infantis, povoando de paisagens e seres imaginários as noites das crianças ao longo de mais de quatrocentos anos.

07/06/2006



Essa Nau Catarineta

No último domingo assisti, encantada, à apresentação da Barca, um folguedo popular bem característico da Parahyba. O evento ocorreu na Usina Cultural Saelpa, onde houve ainda o lançamento do livro “Nau Catarineta de Cabedelo (1910-1952)”, uma edição fac-similar do manuscrito de Hermes Nascimento, e do livro “Barca Santa Maria: versos e memória da brincadeira da Nau Catarineta”, de José de Carvalho Ramos (Mestre Deda), organizado por Marcos Ayala, Diógenes André Vieira Maciel, Maria Ignez Novais Ayala, Lygia Silveira Fontes e José de Carvalho Ramos.

Para quem não sabe, a Barca é uma dança dramática sobre as navegações, com versos cantados e dançados, que retratam as idas e vindas da embarcação, perdida no mar por muito tempo, mostrando a fome, a sede e as lutas entre os tripulantes. A Barca Santa Maria, grupo que se apresentou na ocasião, é herdeira da tradição da Barca da Torre, trazida para o bairro de Mandacaru pelo mestre Cícero Campos do Nascimento, um dos mestres mais respeitados da Parahyba e existe desde o início do século passado, tendo sido registrada em 1929 por Mário de

Andrade e filmada pela Missão de Pesquisas Folclóricas, que saiu de São Paulo para pesquisar o Norte e o Nordeste. O líder do grupo, Mestre Deda, é o quarto mestre desta tradição da Barca Santa Maria, sucedendo a Joaquim Vinte e Um, Cícero Campos do Nascimento e Seu Orlando.

O espaço aqui é insuficiente para falar sobre todos os aspectos desse acontecimento, que registra o trabalho realizado desde 2004 pelo Coletivo de Cultura e Educação “Meio do Mundo”, sob a coordenação de Marcos Ayala. Além dos dois livros referidos, há ainda uma publicação para fins didáticos, um CD, um vídeo em cópias VHS e em DVD, e um *site* na Internet, além do trabalho que foi realizado com professores da rede pública do bairro de Mandacaru.

Bonito foi ver aquele povo cantando e dançando. Bonito foi ver o mestre Deda, com toda fidalguia, e Dona Lindalva, viúva de Hermes Nascimento, assentados à mesa dos autógrafos, e saber que é para eles que vão reverter os direitos dos livros e do material produzido. Bonito foi ouvir e me emocionar mais uma vez com o “Truléu da Marieta”, cantado e dançado por aquelas pessoas de todas as idades, que mostram, com sua participação no folguedo, que a nossa cultura está mais viva e pujante do que nunca. Bonito é saber que, com muito orgulho, “somos todos marinheiros dessa Nau Catarineta” chamada Parahyba!

23/11/2005



A cidade revisitada

Depois do almoço, pego o ônibus e vou ao centro da cidade. Saltando na Lagoa, o primeiro impacto é auditivo: a fala do povo que se apinha por ali, com sua sintaxe peculiar, o falar alto, engulindo a parte final das palavras, rude e melodioso ao mesmo tempo, delícia para os meus ouvidos, a fala paraibana do meu povo paraibano. Mais na frente, o “Trio do Catoquinho” executa os primeiros compassos de um forró, com zabumba, sanfona e triângulo, em busca de trocados no ponto do ônibus. Rápida e fugaz impressão, abafada pelo estrondo das caixas de som colocadas a dois metros uma da outra, vendendo CDs piratas de bandas de axé, forró falsificado e música gospel. Ouço, embalada por ensurdecadores decibéis, que Jesus me ama, e que Cristo, só Cristo, pode me salvar.

Quem me salva é o perfume saboroso das frutas expostas em tabuleiros, num ofertório de sabores, cor e beleza. Atravesso a rua e tomo pela Santo Elias, em direção à Pedro I, quando vejo a casa em que morou Anayde Beiriz mais uma vez ameaçada pela descaracterização da sua vizinhança: a casa ao lado está de

fachada nova, tendo as duas janelas antigas substituídas por reluzente porta de alumínio. Volto, subo a Barão do Abiaí, e desço pela Visconde de Pelotas, tentando reconstituir os trajetos da minha juventude, quando me hospedava com meus tios em Expedicionários e vinha todas as tardes com as primas ao comércio chique dessas ruas, num tempo em que não havia shopping-centers.

Dobro à direita e evoco a majestade perdida do Parahyba Palace Hotel. No cafezinho do térreo sobrevivem alguns antigos frequentadores, com seus cabelos brancos, a exercitar a maledicência suave da província, hábito tão nosso, pecado sempre perdoado.

Imersa na babel em que se tornou aquela região da cidade, subo pela Duque de Caxias. É um barulho ensurdecedor, muita fumaça, gente variada entregue aos seus pequenos expedientes de sobrevivência, vendedores de todo tipo de objeto barato, em bancas ou ambulantes, e onde predomina o negócio mais recente e lucrativo: a pirataria.

Ao desembocar na Praça, busco refúgio na antiga Faculdade de Direito, que só consigo ver como o Seminário fundado em 1745 pelo Padre Malagrida, ilha de paz e silêncio no burburinho da cidade, com suas arcadas repousantes, o jardim interno, as volutas das escadas, a torre do relógio, o porteiro sonolento, tudo convidando ao sossego, à paz, à calma, à reflexão. Na quietude da tarde morna, encontro assento em um banco e repouso olhos, ouvidos e coração, dessa aventura emocional todo dia renovada que é a redescoberta da cidade.

14/12/2005



As grandezas do Brasil

Entre os livros interessantes que folheei nesses últimos dias encontra-se “Pernambuco, imagem da vida e da História”, de Leonardo Dantas Silva. É uma edição do SESC, que saiu em Recife no ano de 2001, com 184 páginas. Um livro lindo, tamanho grande, capa dura, todo ilustrado, e com um texto leve, agradável e repleto de informações. Conheci o autor na Bienal do Livro de Recife, neste mês de outubro passado, onde conversamos um pedaço.

Lembrei-me do livro a propósito de uma referência nele feita sobre Ambrosio Fernandes Brandão, um judeu português, transportado para o Brasil, tendo integrado, no testemunho de Frei Vicente de Salvador, a expedição chefiada por Martim Leitão e João Tavares, de que resultou a conquista da Paraíba (1585). Além disso era proprietário de terras e engenhos em São Lourenço da Mata, Pernambuco, mas também tinha casa em Portugal onde vivia com a mulher Ana Brandoa e filhos (aqui, merece registro o costume de colocar o sobrenome da mulher também no feminino, que era freqüente nessa época).

Foi senhor de engenho na várzea do rio Parahyba. Amava a nova terra, e com ela se identificou em tudo, como se tivesse encontrado uma nova pátria. Suas observações resultaram no monumental livro “Diálogos das Grandezas do Brasil”, considerada uma das melhores fontes para conhecimento da sociedade colonial nordestina.

Era médico, o que lhe permitiu tornar-se o precursor da medicina tropical, posteriormente desenvolvida pelo holandês Guilherme Piso. Nesse livro, através de diálogos entre os personagens Brandonio e Alviano, sendo o primeiro português e radicado no Brasil e o segundo reinol recém-chegado, reconstitui a paisagem do início do Século XVII.

Eduardo de Almeida Navarro, da USP, refere-se ao “Diálogo das Grandezas do Brasil” como um dos mais importantes textos do século XVII no Brasil. Segundo Navarro, “...a análise interna da obra mostra uma visão de mundo que difere da de outros cronistas e viajantes do mesmo período. A linguagem de Brandão afasta-se da de outros escritores coevos do Brasil colonial, revelando um extremo otimismo pelas realidades físicas e econômicas do nosso país, tornando a obra de Brandão praticamente única em seu século.”

Na Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro (<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/>) você encontra o texto completo da obra. Divirta-se.

28/12/2005



A Pedra do Ingá

Se a Pedra do Ingá estivesse localizada na Europa ou nos Estados Unidos, eu tenho certeza de que já na rodovia principal, equivalente à nossa BR-230, perto da entrada do município, haveria grandes painéis iluminados e coloridos, com reprodução fotográfica da pedra e alguns dizeres que atraíssem o turista. Ao chegar lá, o visitante encontraria todo o sítio histórico e arqueológico cercado, ou isolado, para disciplinar e orientar a entrada, e haveria também uma estrutura adequada para recebê-lo, com local para estacionamento, bar, restaurante, banheiros, e isso funcionaria inclusive nos domingos e feriados.

Os funcionários estariam vestidos adequadamente e seriam treinados para receber e tratar bem o turista. Haveria material informativo para distribuição ou venda, além de souvenirs. As visitas obedeceriam a trajetos determinados por especialistas, para que se pudesse aprender mais sobre a pedra, sua história e seu significado, e haveria passarelas construídas especialmente para evitar que os freqüentadores pisassem sobre as inscrições. As pessoas também não poderiam tocar ou riscar as pedras, nem

inscrever seus nomes nelas com instrumentos pontiagudos, nem recolher pedaços delas para levar de lembrança, e muito menos aplicar sobre as inscrições substâncias para realçar-lhes a profundidade com o objetivo de melhor fotografá-las.

Seria interditado o uso do sítio para piqueniques, banhos de rio e outras atividades, e muito menos seria permitido fazer pequenas fogueiras para aquecer alimentos, e deixar atrás de si lixo como garrafas plásticas, guardanapos e copos de papel. Também seriam construídas em local próximo lavanderias públicas para as mulheres pobres da vizinhança, que não precisariam assim usar o rio que banha o sítio arqueológico para lavar roupas, usando sabão e alvejantes que, misturados à água, poderiam danificar as pedras.

Se a Pedra do Ingá fosse na Europa ou nos Estados Unidos, as autoridades seriam sensíveis à importância do monumento e, acima de diferenças municipais, estaduais, federais, políticas ou partidárias, saberiam que é mais importante zelar pelo patrimônio legado pelos ancestrais do que preocupar-se em expor seus condescendentes egos ao brilho duvidoso das propagandas oficiais, que propagam o que não existe e são pagas com o dinheiro do contribuinte.

Mas a Pedra do Ingá, onde estive no dia 14 de abril passado, não fica na Europa nem nos Estados Unidos. A Pedra do Ingá, coitada, fica na Parahyba.

26/04/2006



Um livro indispensável

Somente agora tive tempo de ler e desfrutar de um livro que ganhei do acadêmico e historiador Amaury Vasconcelos, figura a quem conheço e admiro desde a minha mais jovem idade, e com quem o meu pai manteve por toda a vida laços de amizade. Pois bem, esse livro-presente, “Síntese Histórica de Campina Grande (1670-1963)”, de Lino Gomes da Silva Filho (Editora Grafset, 2005) trouxe-me incontáveis horas de prazer, recordações ativadas e curiosidades antigas satisfeitas. Publicado postumamente, uma vez que seu autor faleceu em 1963, o original foi entregue pela família ao Núcleo Cultural Português de Campina Grande que, unido à Academia de Letras de Campina Grande, viabilizou sua publicação.

O livro é organizado ano a ano, data a data, contendo informações que vão dando conta da evolução do município, desde o século XVII, com as primeiras referências sobre a então nascente “aldeia dos Tapuias, chamados Ariús, que estão aldeiaados junto dos Cariris, aonde chamam a Campina Grande”. A partir daí, podemos acompanhar passo a passo a saga dos colonizadores, a

construção das casas, a demarcação e concessão das sesmarias, o nascimento da cidade.

Para mim, que nasci naquele chão, as figuras históricas são familiares porque dão nomes às ruas que palmilhei na juventude, até sair dali para Natal em 1970: Irineu Joffily, João Lourenço Porto, João Tavares, Vigário Calixto, João Moura, Alexandrino Cavalcanti... Os acontecimentos, as datas, são uma viagem no tempo, e vou me lembrando de alguns que presenciei, como o show de Orlando Silva na Rádio Borborema em 7 de fevereiro de 1962, quando fomos todos ver “O Cantor das Multidões”, com Mamãe emocionada até às lágrimas. O livro me trouxe de volta o episódio, já perdido na memória.

A obra conta com um precioso estudo introdutório de Amaury Vasconcelos onde se referencia a bibliografia já publicada sobre Campina Grande; no final há um apêndice com a relação dos Presidentes da Câmara e Prefeitos que governaram o município de 1790 a 1963 e uma relação de campinenses ilustres onde vejo com satisfação o nome de Nilo Tavares, meu pai, que consta da lista e de outras partes do livro, sempre ligado a atividades jornalísticas.

A edição é bem cuidada, com fotos antigas da estação de trens e da igreja matriz na capa e contracapa. Pelo que li, foi difícil conseguir editar a obra, apesar da sua importância; depois de muitas negativas, o livro saiu graças ao apoio da Grafset, empresa dos Neiva, campinenses ilustres.

04/10/2006



“Os pereiros em flor...”

No meu projeto de leitura de livros indispensáveis sobre a Parahyba há muitas lacunas, que laboriosamente venho preenchendo ao longo dos últimos anos. É uma tarefa enorme, porque muito se produziu e se produz no estado, tornando impossível qualquer desejo de estar atualizado nessa leitura. Mas como o segredo do progresso reside em desejar o impossível, eu continuo lendo e trazendo para casa meus preciosos volumes, que nunca me negam este quinhão generoso de prazer e deleite. Um destes livros é o clássico de José Américo de Almeida “A Paraíba e seus problemas”, a 4ª edição fac-similada que saiu pela Gráfica do Senado Federal em abril de 1994 e que comprei por vinte reais.

Ao me verem com o “título” de 728 páginas os amigos perguntaram: “Vais mesmo ler isso, Clotilde?” Eu sorri e não disse nada, procurando manter um certo ar de mistério, lançando dúvidas nos amáveis corações dos que me cercam, que devem estar se perguntando se eu leio mesmo tudo aquilo que compro ou se o faço apenas para a ostentação das minhas estantes. É

natural que eles e qualquer outra pessoa se pergunte: “Quem danado vai ler um livro de 700 páginas sobre os problemas que a Parahyba tinha há mais de 80 anos?” Pois eu leio, amigos e leitores.

Leio porque sou curiosa, porque gosto do passado, gosto de história e amo a Parahyba. E o livro de José Américo de Almeida é fantástico, principalmente quando sabe-se que foi escrito quando o autor tinha apenas 23 anos de idade. Este homem notável demonstra por todo o texto um conhecimento, uma erudição, uma tal capacidade de compreensão sobre a realidade, sobre a natureza, que me deixa admirada.

Como se não bastasse o conteúdo riquíssimo do livro, ainda ganhamos com o estilo correto, os termos apropriados e as descrições vívidas e coloridas. O prazer da leitura se torna maior quando deparamos com trechos que são construções literárias fantásticas. Sobre o Cariri, diz o autor: “Não se pode, igualmente, compreender essa parte do Estado sem distinguir seus alternativos aspectos: a terra assoalheirada, sem sinal de vida, e o improviso das primeiras águas. O estio, embalsamado pelos pereiros em flor, é um mortífero derrame de luz que transforma as campinas num cinzeiro – eis senão quando rebenta um paraíso de supetão. O panasco, que se pulverizara, vira, de repente, um tapete de verdura e a gente observa, em poucas horas, o desabrocho dos botões e o desenvolvimento das folhas sob o impulso da seiva concentrada”.

Uma linguagem forte, cheia de apelos visuais, um filme na tela da imaginação. E é porque ainda estou na página 220.

18/01/2006



Monumentos do passado

Passeando pela cidade é comum ver muitos edifícios e casarões que já tiveram melhores dias. Com as órbitas vazias das janelas eles nos olham, tristes como quem um dia já desfrutou de glória e fausto, mas hoje está entregue ao abandono e ao esquecimento.

Mas nem tudo é destruição, nem tudo é descaso. É gratificante ver prédios que foram restaurados e que hoje ostentam a imponência passada, servindo a outros objetivos, mas ainda exercendo o papel de patrimônio histórico vivo e concreto de nossa terra.

É com alegria que vejo o conjunto barroco de São Francisco, orgulho dos paraibanos. A Igreja do Carmo, que surpreendi uma noite destas enquanto rodava pela cidade deserta, ornamentada com uma iluminação teatral, pois estava havendo um luxuoso casamento naquele templo. Outra igreja, a da Misericórdia, cujo processo de restauração se encontra em andamento, nas mãos carinhosas da restauradora Piedade e seus meninos aprendizes. O mosteiro de São Bento, na General Osório, onde ouvi dizer que há canto gregoriano na missa, coisa que não

consegui ainda confirmar. A Casa da Pólvora, servindo de ponto de encontro para o romantismo de nativos e turistas onde, nos finais da tarde, a música embala o Sol até que ele vá dormir amorosamente na rede verde escura do rio.

É bom andar pela cidade e ver que boa parte dos monumentos que estavam abandonados, semi-destruídos e invadidos pelo mato há cinqüenta anos, quando o Cônego Florentino Barbosa, no seu livro “Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba”, cuja primeira edição saiu em 1953, cobrou providências das autoridades, se encontram com sua grandeza recuperada.

Infelizmente, muito do que se construiu nos tempos de outrora foi ao chão, não tendo condições de resistir ao avanço da moto-niveladora do progresso, que privilegiou automóveis e ônibus em detrimento das pessoas e da história, como aconteceu no Ponto de Cem Réis. Foram ao chão as antigas igrejas da Conceição, das Mercês, de N. Sa. do Rosário, da Mãe dos Homens... Está caindo a velha Igreja de N. Sa. do Bonsucesso, nas lonjuras de Lucena, mantida milagrosamente em pé pelo abraço carinhoso de uma secular gameleira.

O fotógrafo Guy Joseph, idealizador do projeto “Terra da Gente Paraíba” está rodando por todo o estado, documentando o que ainda existe antes que desabe, antes que vá ao chão e vire pó. Esperamos, sinceramente, que não seja tarde demais.

25/01/2006



Coxixola digital

No dia 11 de setembro de 2001 eu estava na sala de espera de um consultório médico em Natal quando vi na TV o atentado que levou ao chão as torres gêmeas do World Trade Center. Quando me dei conta do que estava acontecendo, cancelei a consulta e voltei para casa, apavorada, temendo uma retaliação dos Estados Unidos que lançasse o mundo num holocausto incontornável. Liguei para os meus irmãos, e a pergunta era: “Se houver algo assim, o que é que a gente faz?” E Pedro Quirino, que mora em Campina, e que sempre tem a melhor resposta para qualquer problema, mostrou a solução: “Se a coisa pegar fogo, a gente evacua a família inteira para Coxixola.”

Mas por que Coxixola, perguntará o meu caro leitor? E eu respondo, dizendo que Coxixola fica no Cariri paraibano, fazendo limites com Serra Branca, Congo, Caraúbas e São João do Cariri, e é o menor município da Paraíba. É também a cidade natal da minha mãe e, talvez por ela sempre falar da sua cidade-berço com tanto carinho e saudade, sempre nos deu a idéia de um lugar escondido, inacessível, distante, protegido das desgraças

do mundo, e ao mesmo tempo mágico, cheio de bucolismo, de lendas e de histórias, como se fosse São Saruê, a Terra do Nunca, o País das Maravilhas e a floresta de Brocéliande, tudo junto, reunido num lugar só.

Na década de 1960, aos 15 anos de idade, fui conhecer Coxixola e me encantei com o minúsculo lugarejo que, naquele tempo, era apenas uma rua, duas fileiras de casas, onde as pessoas mais velhas ainda se lembravam do meu avô Pedro Quirino. Sem muita coisa para fazer, naqueles ermos, divertia-me com as primas a explorar os arredores e a conversar com as pessoas. Foram dias que jamais esquecerei, andando sozinha pelos matos, vadeando riachos, subindo e descendo serrotes e ouvindo o grito das maracanãs quando passavam de tarde em revoada pelas vazantes.

Quando queria aborrecer Mamãe, Papai fazia a maior gozação da cidadezinha, dizendo que Coxixola não aparecia no mapa. Mamãe ia buscar o Atlas e, com orgulho, mostrava o minúsculo pontinho perdido no meio do Cariri. Então, o que não diriam eles hoje se vissem a pequenina Coxixola na rede mundial dos computadores? Pois é, meu caro leitor. Coxixola agora tem status de município digital, que você acessa teclando <http://www.coxixola.paraiba.com.br/> na janelinha do seu browser. Orgulhosa e faceira, mostra através de fotos e informações as suas prendas e riquezas.

E apesar de continuar sendo um pequeno pontinho no Atlas, sempre será uma estrela plantada no meio do Cariri, no mapa do meu coração.

08/02/2006



A flor de muitas faces

Nos arquivos da Fundação Casa de José Américo, onde tenho pesquisado ultimamente, encontrei a coleção do Correio das Artes, desde o primeiro número. O Correio das Artes, suplemento cultural semanal do jornal A União, teve seu primeiro número lançado em 25 de março de 1949, e é o mais antigo suplemento literário em circulação do Brasil. E os arquivos da Fundação são um excelente espaço para o pesquisador, com suas coleções de documentos e jornais preciosos para a história da região, muito bem cuidados e catalogados por funcionários apaixonados, com especial louvor para o presidente da entidade, o advogado e escritor Flávio Sátiro Filho, à frente de tudo, atento e batalhador.

Entre tantas coisas interessantes, encontrei um artigo do crítico Aderbal Jurema, onde ele divulga um Congresso de Poesia promovido em Campina Grande em 1949 e nos dá uma visão do que era a cidade há quase sessenta anos. O artigo está publicado no Correio das Artes de 5 de maio de 1949, à página 10, e dele reproduzo alguns trechos.

“... a fabulosa e ianquizada Campina Grande, com os seus negociantes de ouro branco, os seus garimpeiros audaciosos, os seus mercadores de automóveis e geladeiras, os seus itinerantes de todos os recantos do país, numa confusão de todos os diabos e num progresso de todos os dias. Campina Grande é cidade de fama, muito conhecida em New York e Londres, Liverpool e Manchester, como o empório mais acintosamente progressista do “hinterland” brasileiro, espécie de São Francisco da Califórnia na fase áurea. No tempo em que o algodão era exportado para a Alemanha de antes desta última guerra corria mundo a anedota do sertanejo eufórico e gastador, acendendo seus “havasanas” nas pontas das cédulas de quinhentos mil réis...”

E continua: “... Numa cidade destas preocupada com a cotação da bolsa de Wall Street e esquecida de Walt Whitman, (...) esse certame irá trazer um pouco de serenidade de lago naquele turbilhão amazônico de competições comerciais. E só assim cumprimos o destino de não deixar que a Poesia seja abafada neste mundo pelo ruído das moedas trepidantes. Que a poesia em potencial, dos algodoais da Borborema, dos fundos dos rios onde brilha o diamante de Teixeira e das folhas verdes do agave que está vencendo o algodão, desabroche em maio como uma flor de muitas faces no seu imenso e universal lirismo.”

No primeiro volume da coleção do Correio das Artes, onde pesquei esta pérola, há muitas mais, à espera do pesquisador, do leitor, ou do simples curioso, como essa sua cronista de todas as semanas.

22/02/2006



Nilo Tavares, meu pai

Hoje, meu caro leitor, a saudade me obriga a homenagear o meu pai. Jornalista, poeta, boêmio, Nilo Tavares nasceu em 24 de outubro de 1913, em Maceió, Alagoas, e veio ainda criança para o Recife, com os pais, ambos alagoanos: o jornalista e poeta Fernandes Tavares e Clotilde Pereira Tavares, do lar, mas que também fazia versos e tocava violão.

Papai tinha apenas o curso primário e desde jovem fez todo tipo de coisa: foi gráfico, escreveu para jornais, fez versos de encomenda e finalmente, como secretário da Prefeitura de Angelim, Pernambuco, conheceu Cleuza Santa Cruz Ferreira, minha mãe, com quem casou em 1941. Vieram para Campina Grande em 1946, onde ele trabalhou como tipógrafo na Livraria Pedrosa, e depois redator das Rádios Borborema e Cariri e posteriormente do Diário da Borborema. Ocupou a cadeira 27 do Clube Literário de Campina Grande, cadeira cujo patrono era Emílio de Menezes, poeta que admirava e do qual sabia de memória boa parte da obra; militou intensamente nos meios esportivos locais, como comentarista esportivo de rádio e jornal,

e membro de diretoria do Paulistano e do Treze. Era trezeano.

Por três vezes candidatou-se à Câmara de Vereadores, não tendo sido eleito: em 1951 pelo PSB, em 1963 e em 1968 pelo MDB. No final da década de 1950 tornou-se secretário executivo da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, onde ficou vários anos, até ser convidado para secretário da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da UFPB, tendo permanecido nesta função até 1970. Depois foi chefe de gabinete do Reitor Antonio Lucena, na Universidade Regional do Nordeste (URNe, atual UEPB), e permaneceu nesta posição durante três reitorados sucessivos da Universidade: Antonio Lucena, Luís Almeida e José Figueiredo.

Aposentou-se em 1980, após um acidente vascular cerebral. Em 1983 assumiu a cadeira 25 da Academia de Letras de Campina Grande, cujo patrono era Rosil Cavalcanti. Fez parte de inúmeras associações, entre elas o Rotary Club de Campina Grande e Associação Campinense de Imprensa. Quando Mamãe faleceu, em dezembro de 1997, ele foi ficar comigo em Natal. Durante quase um ano e meio, até sua morte em maio de 1999, tive-o junto a mim, já velhinho, esclerosado, esquecido das coisas. Seus súbitos lampejos de consciência lhe faziam recitar sonetos e mais sonetos e contar histórias antigas. Às vezes me confundia com sua própria mãe. Eu dizia: “Não, papai, eu sou Clotilde, sua filha.” E ele respondia: “Não! Clotilde, a minha filha, é uma meninazinha lourinha, que quando eu chego em casa põe as mãozinhas na cintura e dança contente dizendo: Papai chegou, papai chegou!”

Saudade...

24/10/2007



Antigas manhãs-de-sol

Uma das coisas de que eu mais gostava na minha adolescência em Campina Grande eram as festas nos clubes. Dançar, de rosto colado, ao som de uma orquestra, de salto alto, com um vestido bonito, os rapazes de paletó, todo mundo perfumado, alinhado, chique, era – e ainda é, quando há ocasião – um programa legal.

Naquela época em Campina Grande a vida social nos vários clubes da cidade era intensa, com matinês, matinais, tertúlias e as grandes festas, animadas por famosas orquestras, como a de Severino Araújo, que vi tocar algumas vezes. O Clube mais elegante era o Campinense, com a animadíssima tertúlia nos domingos à noite, onde eu só ia escondido de Papai. Trezeano fanático, ele não admitia que freqüentássemos o terreno do inimigo nem por diversão.

Além do Campinense havia o Clube dos Caçadores, com suas manhãs-de-sol e campeonatos de natação e tiro-ao-prato e o Gresse – Grêmio dos Subtenentes e Sargentos do Exército, com as badaladas matinês de domingo. O Clube Médico Campreste veio depois, mas também teve papel importante na vida

festeira da cidade. Havia ainda o Paulistano e o Ipiranga, mas eram clubes de gente “de outra condição”, numa época em que as classes sociais eram muito mais separadas do que hoje em dia, onde todo mundo se mistura nos mega-eventos que ocorrem a cada semana.

Havia outro clube que eu adorava: era o Clube Aquático, com sua simpática sede construída às margens do açude de Bodocongó, e de cujo ancoradouro partiam as lanchas que no domingo de manhã riscavam as águas, em piruetas e curvas, sempre com gente alegre e barulhenta a bordo, muitas vezes trazendo algum audacioso a reboque, empoleirado em esquís. O Aquático, com suas matinais repletas de gente jovem, era um clube pequeno mas muito agradável. Na sede banhada de sol dançávamos das 10 às 15 horas, nos domingos, alternando as danças com passeios de lancha, numa das lembranças mais agradáveis dos meus verdes anos.

Há uns quinze dias, em Campina, passeando por Bodocongó, procurei o clube e não encontrei nenhum vestígio dele. Ao mesmo tempo, soube que o açude vai passar para a responsabilidade da Prefeitura. Pensei então que seria uma atitude carinhosa da municipalidade reerguer o Clube Aquático, e a partir daí implementar a prática de esportes náuticos para a população, aproveitando o grande potencial para o esporte e o lazer do romântico açude, imortalizado já pela canção popular. E, talvez, nos domingos, pudessem ser reeditadas as matinais dançantes, tão típicas de uma era dourada que Campina Grande viveu e que ainda existe nas recordações de muita gente.

08/03/2006



A boca da noite

Um dia desses precisei marcar um encontro com um amigo e quando surgiu a pergunta “A que horas?” respondi: “À boquinha da noite.” Ele riu, e perguntou se a noite ia comer alguém, uma vez que tinha boca. Mas não é isso, minha gente. Isso é coisa da nossa cultura, da nossa história, da nossa formação. Hoje, depois da invenção do relógio digital, toda pessoa que tiver dez reais compra um desses em qualquer esquina, mas quando eu era criança relógio era luxo e o horário mesmo do dia-a-dia era determinado pela posição do Sol durante o dia e pelo cantar do galo na madrugada.

A “boquinha da noite” é assim que escurece de todo, seis e meia, sete da noite, uma vez que a “boca da noite”, sem diminutivo, é a noite já firmada, já estabelecida, oito horas da noite. Era a hora das visitas. “Que horas eu passo lá, Comadre?” “Passa na boca da noite”, a outra respondia. Isso numa época em que, não existindo ainda a televisão com suas novelas, a gente sempre recebia gente em casa para conversar. Mamãe sempre se levantava no “quebrar da barra”, que era às cinco horas da manhã. E

meio-dia nunca era meio-dia simplesmente: era “pingo-do-meio-dia”. Uma hora da madrugada o galo cantava a primeira vez, e em “Macbeth”, de W. Shakespeare, o porteiro do castelo informa: “Estivemos bebendo até o primeiro cantar do galo.”

Outra hora cheia de mistérios era no “pender-do-sol”, ou seja, depois do almoço, passado o “pingo-do-meio-dia”, quando o Sol começa a “cair”, uma hora da tarde. No pender-do-sol o mundo fica parado, sem movimento, nada se move. Mamãe dizia: “Parem com esse barulho, que agora até o mundo está parado”. A louça lavada, Papai já havia saído para o trabalho e ela queria cochilar um pouco: então saía-se com essa, de dizer que o mundo havia parado, para que a gente parasse também de fazer barulho. Até hoje, quando leio o magnífico poema de Carlos Drummond de Andrade “A Máqui-na do Mundo” é como se estivesse nessa hora, no pender-do-sol, no mundo parado, imóvel, sem nenhuma agitação.

E para concluir todas essas recordações de horas e de relógios, na década de 1960 Papai comprou para Mamãe um relógio como presente do Dia dos Namorados. Era um relógio para colocar na sala, e tocava um carrilhão a cada hora e a cada meia-hora. Em estilo “funcional”, todo colorido, e passávamos a noite inteira ouvindo suas batidas. Papai, poeta, entregou o relógio a Mamãe com esta quadrinha: “Estes ponteiros, querida/ Marcarão, harmonizados/ As horas da nossa vida/ No Dia dos Namorados.” Lindo, não?

04/07/2007



A Cascavel do Repente

Nesta semana, o projeto Paraíba Com Memória está na cidade de Monteiro, em pleno Cariri Paraibano, homenageando aquele que foi um dos mais perfeitos repentistas do Nordeste: Severino Pinto, conhecido como Pinto do Monteiro, e cognominado “A Cascavel do Repente”.

O título já dá suficientes informações sobre o tipo de repentista que Pinto era: ágil, certeiro, veloz, e também venenoso e mortífero, deixando o oponente mudo e sem resposta, num tempo em que a cantoria de viola não havia ainda passado por todo esse processo de glamourização dos dias de hoje, onde a performance visual dos cantadores, com bela voz e bem ensaiados baiões de viola diminuem o espaço do improvisado, do repente, do relâmpago criativo que é a principal beleza das cantorias tradicionais nordestinas.

Pinto era de outro tempo. Vi-o cantar muitas vezes, com Lourival Batista, ou com o velho Manoel Serrador, ou com João Furiba, sempre fazendo participações especiais em congressos de violeiros, cantando hors-concours porque com seus quase

oitenta anos não concorria mais: era uma lenda viva do repente.

Era pequeno, seco, mirrado, o rosto escanhado, cabelo curto, paletó e calça brancos, ou creme, camisa aberta no colarinho, sem gravata. Usava bengala, e enchia de cotoveladas irritadas qualquer um que quisesse apoiar-lhe o braço enquanto andava ou subia um degrau. Era extremamente piadista. Muitas vezes, conversando com ele, eu sentia que ele ia soltar uma piada, geralmente fescenina. Ele parava, me olhava assim meio de lado com um riso moleque e soltava o chiste. Depois das risadas, ele aproximava o rosto e dizia: “Chateou-se?” E eu: “Que nada, Pinto! Eu vou lá me chatear com você?” E ele, segurando meu braço com força, com sua garrinha de velho: “Se eu fosse novo outra vez você ia ver uma coisa!” Esse era o velho Pinto, aos oitenta anos e passando uma cantada na jovem pesquisadora de gravador sempre ligado, ao seu lado, nos idos da década de 1970.

Tenho gravações memoráveis de Pinto, que penso serem únicas pois apenas eu estava gravando na ocasião. Uma das melhores é aquela onde ele e Lourival Batista, em 1977, cantaram no palacete da praia do Cabo Branco para José Américo de Almeida, já doente e acamado.

Em Monteiro a UEPB inaugurou o Campus com o nome do poeta, numa gentil e apropriada homenagem; e eu estou naquela cidade a partir de hoje ministrando uma oficina de literatura de cordel, feliz também por respirar o ar poético daquela terra, mãe de um dos maiores cantadores de todos os tempos: Pinto do Monteiro, a Cascavel do Repente.

30/08/2006



A Igreja da Misericórdia

Na semana que passou, finalmente, foi reaberta aqui na capital da Parahyba, depois de uma cuidadosa e demorada restauração, a Igreja da Misericórdia. Iniciada a sua construção no início da colonização, foi financiada por Duarte da Silveira, rico e poderoso senhor de muitos engenhos e representa um dos mais autênticos exemplares da arquitetura colonial brasileira. Durante a restauração, foram encontradas várias relíquias, entre elas o túmulo do capitão-mor da então Província da Paraíba, João Coelho Viana.

Fala-se muito, e com toda razão, do esplendor barroco do conjunto arquitetônico do São Francisco. Em verdade, quem vê o São Francisco sai firmemente convencido de que é uma das mais belas igrejas do Brasil. Já a Misericórdia é uma construção sólida, simples, funcional, meio tosca nos seus ornamentos, muito mais singelos do que o barroco elaborado da outra, mas que me toca muito mais à alma e à emoção.

Lembro-me dela quando, adolescente de dezesseis anos, em férias aqui na capital, já naquela época apaixonada por igrejas, saí a visitá-las e, depois do São Francisco, do Carmo e de São

Bento, caminhando pela Visconde de Pelotas, me deparei com a Misericórdia. A sensação que tive então é a mesma de hoje. Parecia que ela estava ali, fincada no chão da Parahyba desde o começo do mundo, transmitindo uma sensação de segurança, de força, de eternidade. Ainda hoje, quando a vejo, o sentimento é o mesmo e penso que um dia, quando o mundo acabar, quando tudo desaparecer, ela vai continuar ali, no mesmo lugar.

Estou tentando arranjar uma hora para passar lá para conferir o que foi feito, pois fotografei há um ano e meio a igreja em plena restauração e estou louca para ver como ficou o teto. Tenho lindas fotos da reforma, a igreja ainda toda cheia de andaimes.

Quero deixar aqui os parabéns a todos que contribuíram para nos devolver esse maravilhoso templo. Mais do que todos, os verdadeiros artífices dessa restauração são os meninos e meninas aprendizes, chefiados pela restauradora Piedade que, com minúcia e paciência, nos devolveram a beleza das pinturas, a riqueza dos ornamentos, a preciosidade dos detalhes.

Lembro-me muito bem deles, trabalhando numa das lâminas de madeira do teto, com cotonetes, removendo delicadamente a camada de tinta branca que cobria a deslumbrante pintura que havia embaixo. Para mim, mais do que os patrocinadores que deram o dinheiro e os governantes que a executaram, esses meninos são os verdadeiros heróis desta restauração.

15/08/2007



Passado, presente e futuro

Campina Grande é meu passado. Campina Grande é a feira, cheia de sons, ruídos, cheiros e sabores. As matinais do Babilônia e do Capitólio, acompanhando as séries aos domingos, vendo o Zorro, Nyoka e Os Perigos de Paulina. É a praça Clementino Procópio, primeiro com a fonte luminosa, maravilha multicolor que fazia dançar meus olhos de criança, e depois com o passeio inocente das meninas-moças em busca do primeiro namorado. É a Rádio Borborema e os programas de auditório, com Jackson do Pandeiro, Genival Lacerda e Janete Alves (onde andaré ela?) cantando no Clube Papai Noel. É o Colégio Alfredo Dantas, o medo que tínhamos de Dona Alcide e a ternura que sentíamos pelo professor Loureiro. É também o Estadual da Prata, com rebeldias adolescentes e as amigas Hedênia Airam e Cláudia Caetano. É o Campinense Clube com suas tertúlias, ao som da voz de Ronaldo Soares, as matinês do Gresse e as festas no Clube dos Caçadores. No final da noite, com pouca gente dançando, Ogírio me deixava subir ao palco e cantar bossa-nova e músicas de Paulinho Nogueira que só eu sabia. Campina Grande é meu

passado, gostoso, feliz, cheio de boas lembranças.

Na capital, vivo meu presente. O mar que muda de cor todo dia. O barulho dos carros na avenida, chegando ao meu sexto andar, que me faz feliz porque sei que há uma cidade viva lá fora. O carinho dos amigos, os antigos e os recém-chegados ao meu coração. As listas de discussão na Internet, onde exercito a cidadania e dou pitaco em tudo o que é de assunto. O lento passeio de carro pela Epiplácio ou Trincheiras, aos domingos, descobrindo belezas arquitetônicas patinadas pelo tempo. O Cabo Branco e sua falésia, que ajudei a defender um dia desses da sanha dos especuladores. Tambaú e suas tardes de domingo, com feirinha e teatro na rua. A Lagoa com o Cassino, que ainda funciona. Os quase vinte cinemas, e os teatros. Os corredores dos shoppings, onde vago sem destino, olhando vitrines e namorando com bolsas e sapatos. Os ipês amarelos que surgem no meio da paisagem, me enchendo de encantamento, e cujo esplendor só dura uma semana. A leitura dos jornais ao vivo e dos portais pela Internet. A Lua cheia e o planeta Vênus, com quem converso nesta época do ano quando se levanta esplendoroso, único no céu das três e meia da madrugada. E a fala do povo paraibano que ouço quando ando pela rua, doce e saborosa como caldo de cana, que cai no meu coração como água fresca em solo ressequido.

Campina Grande é meu passado. A capital é meu presente. Meu futuro é, sempre foi, a Parahyba.

05/04/2006



Onde está a alma?

O assunto é Folia de Rua. Recém-chegada à cidade, ainda não aprendi todas as suas maneiras, os seus jeitos, e só neste ano descobri que a Folia de Rua é um Carnaval que existe na capital antes do Carnaval, uma forma de manter os tais festejos de Momo e respeitar a tendência que a população tem de aproveitar os dias propriamente ditos para ir ao Recife ou às praias. Esta quarta-feira, chamada Quarta-Feira de Fogo, é o ponto alto do evento, quando sai a famosa Muriçoca, um dos mais famosos blocos de arrasto do Brasil, atroando os ares com os não sei quantos mil decibéis dos seus vários trios elétricos.

Mas eu nem sei se vou. E a quem me pergunta se estou desanimada, respondo que não. A palavra “animada” vem do latim “anima” que significa “alma”. Animada, é digamos assim, cheia de alma. E desanimada é carente de alma. Então o meu problema não é desanimação: é que a minha alma se encontra em outras paragens, outros lugares, outras coisas, outras atividades.

Em outros tempos, minha alma vivia, residia no Carnaval.

Sempre fui uma foliã incansável, e uma das minhas primeiras fotos é fantasiada de pierrô com uma lança-perfume na mão, e isso com apenas um ano de idade. Acompanhei blocos e troças pelas ruas do Recife, andei Campina inteira atrás do “Boi do Treze”, fiz coro na “batucada de Lanca”, freqüentei Gresse, Campinense e os gritos de Carnaval do Clube Aquático e Caçadores, e nas épocas áureas do corso com o famoso mela-mela eu chegava em casa irreconhecível, coberta de porcaria da cabeça aos pés.

Depois, em Natal, fui uma das fundadoras da Banda Gália, que por muitos anos fez história na cidade. Fui Rainha das Atrizes no Baile das Kengas, o mais famoso de Natal, e jurada de desfile de escola de samba. Isso sem falar nos carnavais de Olinda e Salvador, onde, ao primeiro toque de clarim, eu caía no passo, vestida com fantasias loucas e engraçadas, e meu carnaval durava dez dias. Minha alma estava toda, inteirinha, lá.

Mas hoje é diferente. Minha alma mudou, e não encontra mais guarida na chamada Folia de Momo. Eu não posso fazer nada: só estou numa coisa se a minha alma estiver ali também. Mas desejo a todos uma bela Folia de Rua e uma grande diversão. Brinque muito, dance, cante, namore, aproveite, porque o Carnaval foi feito para isso mesmo: para a gente se livrar do estresse, para inverter um pouco os valores nessa vida certinha que levamos, para fantasiar um pouco de rei, de pirata ou de jardineira. O dia é hoje, a Muriçoca vem aí, zuzuzunindo. E depois tem o Cafuçu, esse bloco tão simpático que fecha estes dias alegres.

14/02/2007



A Noiva da Revolução

Segundo Oliveira Lima, a revolução de 1817 foi a única revolução brasileira digna desse nome. Todas as outras não passaram de tentativas frustradas, desbaratadas antes de conseguirem qualquer êxito. Esta não: em Pernambuco, onde estourou, ela nos deu governo próprio, forças armadas, constituição, polícia e embaixadores no exterior, além de fazer valer aqui, pela primeira vez, os princípios da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Estendeu-se das Alagoas ao Ceará, pôs a gente do povo em pé de igualdade com os poderosos e anunciou o fim da escravidão e das separações pela cor da pele.

Mas o sonho durou pouco. Depois de apenas 74 dias o movimento acabou debaixo de uma repressão violenta e muito cruel, que fez duas mil e quinhentas vítimas. Na Parahyba, os nomes de Amaro Coutinho e José Peregrino de Carvalho ainda são lembrados como mártires deste sonho de liberdade.

O jornalista Paulo Santos de Oliveira, recifense, toma o tema para o seu romance “A Noiva da Revolução” (Recife, Comunigraf, 2006) e constrói uma arrebatadora narrativa do movimento tendo

como tema central um caso de amor: a paixão proibida entre a filha de um português riquíssimo, Maria Teodora, e o maior líder patriota, Domingos José Martins. A ação é narrada através de dois relatos: um “diário”, escrito por Domingos Martins, contando o dia-a-dia o que foi a revolução, e os “comentários” a esse diário feitos posteriormente por Maria Teodora.

A fidelidade aos fatos históricos, além da descrição de costumes da época e a linguagem agradável fazem deste livro um daqueles que a gente começa e não consegue mais largar. As vívidas descrições transportam o leitor para o Brasil de 190 anos atrás e permitem compreender as motivações daqueles homens e mulheres que sonhavam com a liberdade e com uma sociedade mais justa. Também é possível conhecer detalhes das ações militares e da biografia das figuras envolvidas com o movimento revolucionário.

O historiador Denis Bernardes é quem dá a palavra final sobre a obra: “Tudo que o leitor vai encontrar é o que de fato ocorreu. Se tiver paciência, curiosidade e interesse de ler os documentos e relatos de e sobre 1817, constatará que o que aqui é narrado lá está também registrado. Poderá perceber que determinadas falas estão em outras bocas, mas, em algum momento, elas foram ditas. E os acontecimentos, salvo alguma liberdade da imaginação criadora ou da estratégia narrativa, são todos reproduzidos fielmente. Este admirável romance é, sem favor, o melhor relato da Revolução, em sua inteireza”. Veja mais no site www.anoivadarevolucao.com.br

28/03/2007



Lindo, leve e solto

Andei por aqui falando na semana passada das estressantes relações entre o cidadão do século XXI e as máquinas que, por obra da tecnologia, substituem esse mesmo cidadão na prestação de serviços. Muitas vezes essas máquinas são o próprio homem, mecanizado e preso a rotinas de atendimento onde ele apenas faz perguntas e executa as tarefas que uma tela, à sua frente, lhe determina naquela situação.

Hoje estamos assim, vivendo numa sociedade onde há o controle informatizado de tudo e de todos. Alguém me diz o que é que tem gravado naquela tirinha do cartão de crédito? Quando solicito um cartão à operadora, como é que eu vou saber o que foi que ela gravou ali? Qual a quantidade de informação sobre a minha pessoa que anda circulando no mundo virtual das tarjas magnéticas? Qual a qualidade dessa informação? Quem me garante que, ao fazer compras no supermercado e pagar com cartão, alguém não fica sabendo sobre tudo o que comprei, do sabão em pó ao adoçante, da marca de macarrão ao talco? Quem me garante que esse Grande Irmão não está sabendo

quais são os livros que leio, quanta gasolina coloco no carro, os motivos pelos quais vou ao médico, minhas preferências no restaurante e na lanchonete?

Paranóias à parte, a informatização viola todos os dias a nossa vida de formas inimagináveis, e eu não sei ainda se isso é bom ou não. Por via das dúvidas, muita gente está se rebelando de forma que considero revolucionária contra essa dominação tecnológica sobre o cotidiano. Se na década de 1960 houve um movimento nesse sentido, o chamado movimento hippie, cujo alvo era a sociedade de consumo, hoje os que protestam são geralmente pessoas “que se recusam” a cultuar a deusa máquina no altar da tecnologia. São pessoas que abrem mão de bugingangas tecnológicas como celulares e computadores. Moram perto do trabalho e compram “a dinheiro” no mercadinho da esquina. Não têm carro, por isso não precisam ir à academia pois estão sempre andando a pé. Não se apressam, e lêem jornais e livros em vez de assistir televisão. Esses neo-hippies são nesta capital representados pela figura emblemática do jornalista Petrônio Souto, que se intitula “um homem do século XIX” e que, se não abriu mão de todas as maravilhas da tecnologia ainda, é porque amigos e filhas não permitem, e lhe cobram sempre telefonemas e emails.

Eu, que não vivo sem minhas máquinas, tento praticar uma solução intermediária: vez por outra saio da Internet, desligo o celular e brinco de ser Petrônio Souto, lindo, leve e solto, “flanando” nas calçadas românticas da cidade.

30/05/2007



As sete maravilhas

O escritor Bráulio Tavares, no seu artigo de domingo passado em um jornal local, falou sobre aquelas que ele considera as sete maravilhas de Campina Grande. E relacionou coisas que ele preservaria eternamente, se assim tivesse esse poder. Citou o Açude Velho, o conjunto da Praça da Bandeira e os Correios, a rua Maciel Pinheiro, o Colégio Estadual da Prata, o estádio Presidente Vargas, o Seminário do Alto Branco e a Rodoviária Velha.

E eu fiquei cá comigo imaginando o que eu tombaria como patrimônio material ou imaterial, em Campina. Ah, meu caro leitor! Para isso tive que recorrer à imaginação pois muitas das minhas “maravilhas” não existem mais. Tombaria, por exemplo, sete lugares: a praça Clementino Procópio com sua fonte luminosa, o Maringá com seus fiteiros e bancas de revista, o cine Capitólio, o cine Babilônia, a sorveteria Pingüim e o Campinense Clube, na Praça Cel. Antônio Pessoa. Para completar as sete, escolheria o Grande Hotel, endereço glamuroso de uma época que o tempo já levou.

Também tombaria sete acontecimentos da minha adolescência: o footing na Maciel Pinheiro, as tertúlias do Campinense, o São João no Clube dos Caçadores, as matinais dançantes do Clube Aquático, a parada do Sete de Setembro, o trote dos feras da escola Politécnica e o conjunto de Orgírio, com a voz de Ronaldo Soares, Sérgio no sax e Crisaldo no pistom. Para não ficar somente na adolescência, acrescentaria mais sete maravilhosos programas da idade adulta: a batucada de Lanca, as discussões no cineclube de Campina Grande, os serões na casa de Jackson e Marcos Agra, o Festival de Inverno (nos primeiros tempos), as tardes na Livraria Pedrosa, as aulas à noite no Colégio Estadual da Prata e os Congressos de Violeiros da década de 1970.

Sete amigas, com seus sobrenomes de solteiras: Bernadete Alves, Berenice Farias, Asclepiades Pereira, Ângela de Corbara, Fátima Mamede, Hedênia Airam e Cláudia Caetano. E sete amigos: Ivaldo Duarte, Lincoln Gutemberg, Saulo Coentro, José de Souza, Lula Pereira, Jackson Agra e José Umbelino Brasil.

Sete maravilhosos professores: Lígia Loureiro, Eleonora Loureiro, Edna Telma, Jorge Ney, Gabriel Agra, Wilson Maux e o Professor Adelmo.

São essas as minhas maravilhas: prédios, praças, acontecimentos e gentes, eternamente tombados e sacralizados na minha memória, patrimônio imorredouro das minhas recordações, para sempre meus, vivos, comigo, eternos em uma dimensão onde nem o tempo nem nada vai acabar com elas.

31/10/2007



Ele voltou!

Quando vim morar na capital da Paraíba, em setembro de 2005, minha primeira moradia foi um flat no Retão. Ventilado, agradável, tinha uma janela voltada para o mar, para o Leste, e outra para o Sul. Eu abria as duas janelas e o vento suave e cálido vindo do mar perfumava o apartamento, afastando o calor e o mormaço. O ar condicionado nunca era ligado e nunca pensei em comprar ventilador.

Em março do ano seguinte, a coisa mudou. O vento foi embora, ou melhor, mudou de direção, e em vez de entrar pela janela Leste, vindo do oceano, passou a entrar no apartamento pela janela Sul, brabo, violento, derrubando os porta-retratos de cima das mesas.

Março e abril foram de calor extremo. Quando havia vento, era um vento bravio, com cheiro de chuva, de mangue, de marés estagnadas. Levantava a colcha da cama, e teve um dia em que arrancou o meu bonsai do vaso, obrigando-me desde então a viver de janelas fechadas, e com o ar condicionado ligado.

Em junho de 2006, fui morar em Tambauzinho, num oitavo andar, com as janelas voltadas para o Leste. O vento Sul, nessa morada, entrava pelas janelas da área de serviço, sempre bravo. Mas em setembro, senti uma sutil diferença no ar: o vento Leste havia voltado! Acabara-se o cheiro de mangue, a ventania devastadora, e o ar se movimentava com delicadeza dentro de casa, contornando os móveis, fazendo dançar as cortinas e tocando gentilmente os sinos dos “mensageiros dos ventos” que eu tenho espalhados pelo apartamento e que – coitados! – só faltavam ser arrancados pelo terrível vento Sul.

Foi assim que conheci e me familiarizei com o regime dos ventos na capital. E agora o vento Leste está voltando, ainda meio misturado com o vento Sul, que irrompe, às vezes, de modo avassalador por dentro de casa. Mas hoje acordei com uma brisa suave e perfumada, carregadas de histórias de pescadores, de sonhos de marinheiros, de cantos de sereias. Deixei-me ficar deitada, embalada pelo ar perfumado que me envolvia, de olhos fechados, imaginando estrelas do mar aéreas e transparentes bordando todo o teto do quarto, enquanto o vento brincava pelos lençóis, agitava as écharpes penduradas nos cabides, e tocava os cantos do aposento.

Aprendi mais uma lição, de tantas que a vida ensina: o vento, como a existência, ocorre em ciclos. Tudo vai, e tudo volta. Tudo acontece, depois se acaba, mas só por um tempo, pois o retorno, a volta do ciclo é inevitável. De permanente, mesmo, só existe a mudança.

03/10/2007



Leituras de Ano Novo

Como andei nos últimos dias mudando de apartamento, passei pela experiência de transportar meus cerca de mil e quinhentos livros, que foram retirados das estantes, embalados em caixas, desembalados no novo local, e colocados de qualquer jeito nas estantes para serem arrumados depois. Quem tem muitos livros sabe o que é isso, e se gosta deles como eu gosto sabe que não deixa de ser um prazer arrumá-los vagarosamente nos seus lugares, manuseá-los um a um, limpando carinhosamente a poeira de suas capas, abrindo-os para ler algum trecho preferido ou para recordar alguém que deixou sua mensagem numa dedicatória.

Foi nessa atividade que gastei boa parte dos feriados de final de ano, e felizmente os meus queridos amigos já estão alinhados em suas prateleiras, organizados como gosto. Separei também alguns para ler nesses dias. Livros novos, que ainda não havia lido, e outros, que já li e quero ler de novo.

Separei, por exemplo “Minha formação”, de Joaquim Nabuco, e ontem já me delicieei com o capítulo onde ele fala de

sua infância no Engenho Massangana, na região do Cabo, perto do Recife. Separei também a obra de uma americana, Janet H. Murray, "Hamlet no Holodeck", que discorre sobre as formas narrativas que têm como suporte o computador, um link fundamental entre literatura e informática que todo escritor deveria ler. A autora desenvolve pesquisa no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussets) e escreveu um livro empolgante, com muito estilo. Também quero ler O "Diário íntimo", de Amiel, do qual possuo um edição da Livraria do Globo de 1947, que ganhei de presente do meu amigo Garcia, pai do músico Erick von Sohsten.

Finalmente, a poesia, porque quero começar este ano novo em grande estilo, lendo em voz alta para as paredes da minha nova morada o "Uivo" de Allen Ginsberg, texto que é a cara da minha geração, tantas vezes lido e sempre com prazer renovado. Lerei depois "Fúcsia", de Vitória Lima, onde "cada poema é uma conta desprendida do imenso colar do tempo". Em seguida, um passeio pela poesia de Sérgio de Castro Pinto, reunida em "O cristal dos verões", que ainda não tive tempo de ler e em cuja primeira página o autor me oferta a obra em dourada dedicatória no papel preto.

Também quero reler o "Romanceiro Gitano", de Lorca, onde "as picaretas dos galos cavam em busca da aurora".

Para fechar o firo, "Trigal com Corvos", obra-prima de W. J. Solha, lido e relido tantas vezes, sublinhado, riscado, comentado, e do qual posso dizer, como disse Bloom sobre Hamlet, que é o meu "poema ilimitado".

03/01/2008



A Marquesa

Quero lhe contar hoje a história da minha mãe. Nascida em 1921, em Coxixola, na Parahyba, Cleuza Santa Cruz Tavares passou a infância em fazendas, primeiro no Cariri Paraibano e depois no agreste de Pernambuco, onde meu avô Pedro Quirino criava uma meia dúzia de cabeças de gado. Na vida simples daqueles tempos e lugares, aprendeu em criança valores fundamentais que a acompanharam até o fim: honra, dignidade, destemor.

Casou-se aos 18 anos com Nilo Tavares, que na época era Secretário da Prefeitura de Angelim, Pernambuco. Em 1946 fixaram-se em Campina Grande, onde lhe nasceram os filhos: Clotilde, Braulio, Pedro e Inês. Dedicou-se à casa e à família até que todos crescemos, casamos e saímos de casa. Foi aí que ela resolveu realizar o grande sonho da sua vida: formar-se em Direito e advogar. Então esta mulher, que só tinha estudado até o primeiro ano primário, aos 52 anos matriculou-se no então Artigo 99 e em dois anos fez o primeiro e o segundo grau. Prestou Vestibular para Direito na Universidade Regional do Nordeste e

passou em quarto lugar. Em 1980, com quase 60 anos de idade, formou-se finalmente em Direito. Um golpe do destino trunçou-lhe então a carreira nascente: o meu pai teve um derrame, passando a necessitar de cuidados intensivos e ela deixou de cumprir o próprio ideal para atender a quem dela precisava, como o fez durante toda a vida.

Sem poder assumir o sonhado escritório de advocacia, nas solitárias noites em casa, lia, escrevia e ouvia no rádio suas músicas preferidas. Em tom de brincadeira, inventou para si própria um título – a Marquesa, pelo qual ficou conhecida na cidade – que usava para telefonar para os programas de rádio pedindo as músicas dos seus cantores preferidos. Quando encontrava quem cuidasse de Papai, ia aos bares, acompanhada de amigos e amigas muito mais jovens do que ela, onde tomava cerveja, cantava e se divertia. Sua mesa sempre estava cheia de jovens e de artistas, porque ela amava a alegria, a juventude e o teatro, e sempre tinha atores e atrizes por perto.

Com ela aprendi coisas fundamentais. Ensinou-me a não maltratar os animais, a honrar a palavra dada e a me orgulhar de ser mulher e nordestina. Com ela aprendi a rir da desgraça e das peças que a vida nos prega, a não levar desaforo para casa, a não ter medo de nada. Aprendi também a ser hospitaleira, a ser solidária e a defender quem está por baixo ou é vítima de preconceito.

Um edema agudo de pulmão a levou em dezembro de 1997. Mas enquanto aqueles valores que ela nos inculcou correrem nas nossas veias, e nas dos nossos filhos e netos, Dona Cleuza, a Marquesa, continuará viva e presente entre os que a conheceram e amaram.

07/05/2008



O “assustado”

Aqueles que, como eu, foram adolescentes no início da década de 1960 sabem bem do que eu estou falando. O “assustado” foi, na época, uma verdadeira instituição social, cuja importância é comparável ao “date” norte-americano, fundamental na iniciação sexual, social e afetiva dos jovens. Funcionava assim: chegava-se de surpresa na casa de alguém (daí o nome “assustado”) com vitrola portátil e discos. Arrastava-se os móveis do lugar, abria-se espaço, e dançava-se por algumas horas. Esse era o modelo, que ocorria com pequenas variações de Norte a Sul do Brasil mas em Campina Grande, onde passei esses anos dourados da minha existência, não se chegava de surpresa. Tudo era combinado antes, e acontecia geralmente no sábado à noite. Era mais uma festinha cujo objetivo principal era dançar e namorar.

Em uma cidade pequena, sem grandes opções de divertimento, os assustados ocorriam em todas as turmas e eram promovidos tanto pelas sofisticadas alunas do Colégio das Damas quanto pela galera mais proletária do Colégio Estadual. Dançava-se sambas e boleros, mambos e baladas românticas. Na vi-

trola, Waldir Calmon e seu conjunto, o piano de Carolina Cardoso de Menezes, Trio Irakitan, Perez Prado, Românticos de Cuba, e a novidade que era a orquestra de Ray Conniff, com seus arranjos moderníssimos de “Besame Mucho” e “Stranger in Paradise” (que eram a primeira e a segunda faixa do elepê). Havia ainda Gino Paole cantando “Sapore de Sale” e Peppino di Capri com “Roberta”.

O rock and roll não penetrava nos assustados, onde o objetivo era namorar e dançar de rosto colado. Usávamos vestidos de cintura marcada, com saia rodada e blusa fofa no busto, presa aos ombros por alcinhas; o cabelo armado, cheio de laquê e com as pontas arrebitadas. Os rapazes caprichavam no penteado, na barba bem feita e no terno e gravata. O perfume era Fleur de Rocaille para elas e Lancaster para eles.

Os LPs, ou “long-playings”, rodavam na Radiola ABC, bebia-se cerveja e “ponche”, suspeitíssima mistura de champanhe barato com suco de frutas. Mas, a rigor, bebia-se muito pouco. O bom era o namoro, a novidade de ficar tão perto do corpo do outro, os odores, os toques, as surpresas...

Depois, já para o final da década, veio a loucura: o rock, a jovem guarda, os hippies, depois os punks... O homem pisou na Lua, a barra das saias subiu, começamos a tomar anticoncepcional e, junto com a virgindade, mandamos para o espaço os sonhos adolescentes embalados ao som de tantas músicas imortais que, quando as ouço hoje, parece que estou novamente num daqueles assustados, dançando, o coração disparado na frequência saudosa da juventude, para sempre e definitivamente perdida.

23/04/2008



Amor de irmão

Nunca consegui entender esse negócio de briga de irmão, de irmão intrigado um com o outro. Venho de uma família unida, carinhosa, onde eu e meus três irmãos, quando crianças, se brigávamos por alguma coisa, Mamãe nos obrigava a fazer as pazes e beijar o rosto um do outro. “Com irmão não se briga” dizia ela. “Amor de irmão é sagrado, entenderam? Se beijem os dois, já!” E a gente engolia o choro e se beijava.

Não existe amor como o amor de irmão. Só o irmão lhe compreende com um olhar, porque esse olhar é treinado desde a mais antiga infância na troca muda de pensamentos. Só o irmão pode rir com você daqueles episódios passados há muito tempo, compartilhar o sabor das comidas de infância, sentir junto com você o cheiro perdido do café feito por Mamãe nas tardes sonolentas de Campina Grande. Só com o irmão é possível dividir o encanto e o sabor das primeiras leituras, o colorido dos gibis trocados na porta do cinema, as alegrias das brincadeiras de criança e, mais tarde, a excitação dos namoros de adolescente.

Sou a mais velha. Logo abaixo de mim vem Braulio, 57 anos, escritor, poeta, compositor, roteirista e dramaturgo. Digo que ele é o homem mais inteligente do planeta porque não conheço ninguém tão alto no alcance dos raciocínios, tão largo na abrangência em conhecimento e erudição e tão profundo quando debruça o olhar sobre o mundo que nos cerca.

Ao meu segundo irmão, Pedro Quirino, 54 anos, chamo “The Miracle Man”, o homem dos milagres, e lhe confiro status de super-herói. Sua inteligência, diferente da inteligência de Braulio, é a inteligência prática das realizações, das soluções. Braulio é um intelectual, sempre a propor problemas; Pedro Quirino é um destrinchador do complexo, um organizador do caos, com as soluções mais brilhantes que já vi para qualquer dificuldade que se apresente. É coordenador-administrativo de Arte-Mídia da UFCG.

Inês, nossa irmã mais nova, é linda, “mais que demais”, com rosto e porte de menina, na mulher de 49 anos. Socióloga, trabalha com pesquisa de mercado em São Paulo, onde mora. Conquistou seu lugar no mercado de trabalho mais competitivo do país com o brilho da sua inteligência, a coragem de correr atrás e a fidalguia no trato com as pessoas. Além disso, é generosa, solidária, alegre e fidelíssima nas amizades.

Apelidamos a nós mesmos de “os quatro”. Com os nossos filhos, netos e companheiros, vez por outra nos reunimos e passamos algumas horas rindo, brincando, recordando e falando num volume altíssimo e todos ao mesmo tempo, como é característico dos Tavares, juntos, homenageando em espírito nossos pais, que presentearam o Universo com essa prole tão maravilhosa da qual eu sou verdadeiramente a estrela mais pálida e desimportante, em comparação com eles.

14/05/2008



A Morte Caetana

Na Região do Cariri paraibano, onde minha mãe foi criada, a Morte é chamada carinhosamente por um nome de mulher: Caetana. Mamãe dizia que a Caetana tem duas formas: a Moça e a Onça. Quando vem no formato de Moça, nos abraça tão suave, deixa os cabelos caírem por cima da gente e nos carrega tão macio que a gente nem sente. Mas às vezes ela está virada na Onça, e nos morde com seus dentes de pedra e desfia nossa vida com suas garras, esfolando a gente vivinha ainda.

O roçado dela é o mundo, e onde tem gente viva a Moça/Onça Caetana afia suas garras e treina seus abraços macios e mortais. Mas quem haverá de saber do destino de cada um? Quando eu estava na UTI, na noite de 27 de setembro – não faz nem um mês – toda ligada naqueles monitores, com a Onça farejando os pés da minha cama, se roçando no tubo de oxigênio e puxando a ponta do lençol me peguei pensando que não adiantava me aperrear, porque a Vida é assim mesmo, entrelaçada com a Morte.

Quando a gente nasce, é como se assinasse um contrato, e viver é esperar a liquidação dessa fatura. Só por medo da Morte é que a gente agüenta a Vida que às vezes é mais Onça do que a própria Caetana. Shakespeare, em “Hamlet”, diz que é por medo da morte, dessa fatal viagem para o país desconhecido de onde ninguém jamais voltou que suportamos “a angústia do amor desprezado, a morosidade da lei, o orgulho dos que mandam, o desprezo que sofremos dos indignos...” E reafirma: “Quem carregaria suando o fardo pesado da vida se não fosse o temor da Morte?”

E, no entanto, enquanto escrevo esse texto que parece estar carregado de sonhos maus e suspiros de tristeza, olho pela janela e vejo que diante de mim o céu está azul, o Sol brilha, e vejo o mundo como – e ainda segundo Shakespeare “... este magnífico dossel, este belo e flutuante firmamento, este teto majestoso, ornado de ouro e flama...”

Ah, meu caro leitor, não posso deixar de dizer que o Mundo é Lindo, a Vida é Bela e eu sou Feliz, assim mesmo tudo com letra maiúscula, e que se a Caetana vem é porque é o jeito e devemos lamentar os mortos e chorar, não por eles, mas por nós, que ficamos sem eles e através da partida dos nossos entes queridos nos confrontamos com esse terrível Mistério, do qual todos um dia descobriremos, inexoravelmente, e em definitivo, a solução.

18/10/2006



Subindo a serra

Foi no ano de 2004, quando subi a Serra do Teixeira. Saindo de Patos, em direção a Itapetim, fiquei impressionada com a serra erguida à minha frente como um paredão de pedra. Fiquei pensando: por onde vamos passar?. Com os olhos agoniados, procurei uma garganta, uma abertura e nada. Mas numa das voltas, já comecei a vislumbrar por onde se começa a contornar o portentoso obstáculo.

A serra é uma muralha se estendendo “de fora a fora” no horizonte. Vista de longe, apresenta-se azulada e à medida em que vamos nos aproximando vai se tornando de um tom azul mais escuro que cambia para o verde também muito escuro. Mais perto ainda começamos a distinguir os afloramentos de pedra que são monumentais e nos assombram quando nos aproximamos deles.

E começamos a subida. A paisagem, vista ao longe enquanto subimos, é muito bela, e surge ora de um ora do outro lado do veículo. São extensões e mais extensões da rica geografia da região: terras cultivadas, lagoas, açudes, cidades, vilas, serrotes,

colinas, estradas, caminhos... Tudo variado, tudo ao lado um do outro, parecendo uma colcha de retalhos, estendendo-se por léguas e léguas.

Estamos já em cima da serra. É muito alto. Não sei se fotografo, se olho a paisagem, se tenho medo ou se enfio a cabeça dentro da bolsa. As alturas nunca foram o meu forte e olhando esses despenhadeiros fico com uma sensação constante de vertigem, um bolo no estômago. Dizem que quando não havia a estrada asfaltada, principalmente no inverno, a serra era perigosíssima. Um dos trechos, que só dava passagem a um caminhão de cada vez, chamava-se “O Apertado da Hora”, pois o veículo passava margeando um abismo imenso.

A cidade de Teixeira fica no cocoruto da serra. Uma pequena igreja com sua torre azul e branca, um comércio muito agitado, muita gente comprando e vendendo, muitos bares, muita gente na rua. Há uma bifurcação na estrada onde, tomando a direita, vamos a Imaculada, Maturéia e Água Branca e indo pelo outro passaremos em Desterro. Toda essa cadeia de serras, o maciço da Borborema, serve como limite natural entre Pernambuco e a Parahyba e vai tomando nomes regionais por onde passa.

É o berço gerador de gente desbravadora e corajosa, de gente braba e cheia de razão, criada naquelas alturas, mercadejando e fazendo impor sua vontade, senhores “de barço e cutelo”, terra que também gerou poetas como Romano, Ugolino Nunes da Costa e tantos outros. Um chão cheio de história e tradição.

02/04/2006



O filme da memória

Nas noites de Lua Nova, gosto de me sentar no escuro e rever minha infância em Campina Grande, e a vejo tão nítida como se estivesse num cinema, como num filme. E nesse filme, a primeira coisa que vejo é a matinê do cine Avenida aos domingos, onde a gente assistia a série Os Perigos de Paulina, os filmes de Tarzan e de Nyoka, a Rainha das Selvas. As noites olhando a fonte luminosa. O medo dos trovões. O dia em que o cachorro me mordeu. A primeira vez que vi um raio durante uma tempestade e o eclipse da Lua em 1953 que me encantou a vida por muito tempo. O enterro da minha boneca, que morreu de pneumonia. As histórias do macaco, da onça e do dragão.

Mamãe tão magra, cantando sempre, os cabelos enormes, e lendo de noite pra gente ouvir: “Eu vou contar a história de um pavão misterioso, que levantou vôo da Grécia com um rapaz corajoso, raptando uma Condessa filha de um Conde orgulhoso”. Os heróis da minha infância: Hopalong Cassidy, Rocky Lane e Jad-bal-ja, o Leão de Ouro do livro de Tarzan. Meu cachorro Sultão, que dormia junto da minha cama numa caminha de

bonecas.

As brigas de touros em frente lá de casa, na rua Antenor Navarro, no tempo em que as boiadas passavam por dentro das cidades. Meu avô Pepedro, enrolado num capote e cantando “Eu sou o Lobo Mau, Lobo Mau, Lobo Mau”. Os programas de auditório da Rádio Borborema, onde eu e Braulio – os filhos do redator – entrávamos de graça. E onde, com cinco anos de idade, subi no palco pela primeira vez para cantar uma marcha de Carnaval num programa chamado “Clube Papai Noel”, apresentado por Gil Gonçalves.

Nas férias, no Recife, o velho Ascenço Ferreira, todo vestido de branco, e com um bengalão enorme, correndo atrás da gente na feira do Hipódromo. As chanchadas da Atlântida: Oscarito, Grande Otelo, Ankito, Eliana, Violeta Ferraz, José Lewgoy, Renato Restier, Zezé Macedo... Os álbuns de figurinhas para colecionar. A revista “Parque de Diversões”, com mil e um quebra-cabeças e jogos. O carnaval, onde cada um ganhava uma lança perfume Rodouro, e gastava todinha esguichando uns nos outros. E o primeiro morto que vi: o vereador Félix Araujo, assassinado brutalmente pelos donos do poder.

Mas o melhor da infância era comer puxa-puxa, que titia Adiza fazia, puxando aquela massa feita de rapadura derretida, com as mãos cobertas de farinha de trigo. E eu e Braulio com os olhos compridos, sentados os dois, bem quietinhos, esperando que aquela delícia ficasse pronta e esfriasse, porque doce quente dava dor de barriga...Ô saudade!

04/04/2007



O Céu e o Inferno

Andei confessando aí umas maldades que havia feito. Maldades bestas, como, por exemplo, azucrinar as moças do telemarketing que ligam para minha casa, interrompendo meu trabalho. Feito menino ruim, divirto-me em alugar as pobres coitadas, pedindo a elas RG e CPF, nome completo e endereço, do mesmo jeitinho que elas fazem comigo; depois digo que vou consultar meu marido, ou meu pai, e deixo o fone junto da FM ligada tocando forró-de-plástico. Uma amiga alegou que essas garotas não mereciam serem tratadas assim porque estão apenas fazendo o trabalho delas, e eu concordei, e bati no peito: mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa. E fiquei cá comigo pensando que devo merecer o Inferno por tanta maldade praticada. Mas isso não me chateou.

Com efeito, o que seria a minha vida no Céu? Cânticos, paz profunda, anjinhos, nuvens cor-de-rosa e onze-mil-virgens. Os santinhos atarefados atendendo pedidos dessa Humanidade sofredora, sem tempo para um dedo de prosa. E eu, provavelmente, encontraria fechada a porta de tão augusta morada

do mesmo jeito que um dia a encontrou Lampião, como foi relatado no célebre folheto de José Pacheco “O grande debate de Lampião com São Pedro”: “Chegou no céu Lampião/ A porta estava fechada/ Ele subiu a calçada/ E ali bateu com a mão/ Ninguém lhe deu atenção/ Ele tornou a bater/ Ouviu São Pedro dizer:/ – Demore-se lá! Quem é?/ Estou tomando café!/ Depois o vou atender!”

Isto posto, terminei chegando à conclusão, meu pacientíssimo leitor, que o meu lugar deve ser mesmo no Inferno. Lá encontrarei meus maiores ídolos: Jim Morrison, Janis Joplin, Jimmi Henrix, James Dean, Marilyn Monroe e todos os que morreram arrastados pela mistura fatal de overdose com talento em estado puro. Isso incluiria até a minha mais declarada paixão, o Bardo de Stratford, o imortal William Shakespeare que, como rezam os relatos, morreu depois de uma bebedeira com os amigos.

Lá estarão com certeza aqueles que, como eu, e por toda a vida, se consumiram no fogo vivo da paixão, desejaram a mulher ou o homem do próximo, comeram demais, beberam muito, fumaram todos os cigarros, viajaram de ácido, passaram horas no desfrute quando deveriam estar trabalhando, fizeram de tudo para acanalhar com a ordem e o progresso, votaram nulo, repudiaram o Estado, gostaram mais de rock and roll do que de MPB, foram politicamente incorretos, não construíram sólidos patrimônios materiais e gastaram tudo com livros, discos e DVDs e, finalmente, passaram a vida perdendo o controle porque amaram, amaram, amaram desbragada, pagã e pecaminosamente, sem olhar a quem.

05/12/2007



Soledade, Olivedos e tradição

Fui ao Cariri neste sábado dia 22 de setembro para mais uma reunião do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri, presidido por Daniel Duarte Pereira. A Instituição vem agitando o Cariri, essa região tão viva de cultura e tradição, onde estão plantadas algumas das minhas raízes familiares das quais muito me orgulho. O evento desta vez se realizou na cidade de Soledade, a 50 km de Campina Grande. Reunião é um modo de dizer, porque esses encontros do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri são verdadeiras festas, mas festas culturais, abertas ao público, com palestras, discursos, inaugurações, mostras de artesanato, música folclórica e regional e o que é melhor do que o resto todo: a alta dosagem de auto-estima que passa a circular nas veias do município depois de uma reunião dessas.

Soledade é uma cidade muito bonita, com seu casario antigo, sua igreja, seus artistas. Lá, ouvi Benedito do Rojão, com seu traje brilhante e grande energia no palco; o escultor Givanildo, mãos de milagre a trabalhar a madeira, com delicadeza e astúcia. Dele trouxe comigo uma peça, um égua e seu potrinho, pri-

mor de detalhe e minúcia. Registro também os licores de leite de cabra dos artesãos Aderaldo e Idalva, à frente da Cooperativa de Artesãos, licores dignos do banquete de um rei. E mais: grupos folclóricos, crianças que se iniciam na música, poesia popular... Isso sem falar na figura de Antonio Marinho, 74 anos, vaqueiro filho de vaqueiro, uma das mais belas figuras humanas que já vi, envergando com orgulho o seu gibão, cheio de verve, espirituoso, bem-humorado, inteligente, vivo e esperto como só um caririzeiro sabe ser.

Entre conversas e trocas de informações, assistimos à inauguração do Museu da cidade, e depois rumamos para a vizinha cidade de Olivedos, onde ainda sobrevive, um pouco deteriorada mas guardando todos os traços da arquitetura original, uma casa antiga, de idade secular, cuja construção a tradição atribui a Teodósio de Oliveira Ledo. É uma afirmação que necessita comprovação mas, mesmo que a edificação não esteja associada ao desbravador da Parahyba, merece imediato tombamento e restauração pela beleza e valor arquitetônico do prédio, com sua cornija, suas quatro águas e sua majestade a se erguer sobre o alicerce de pedras, desafiando os anos.

Essas idas ao interior, à abençoada região do Cariri paraibano, têm sido ultimamente os momentos mais agradáveis da minha vida. De lá volto feliz, alimentada pela rica seiva cultural que nutriu meus antepassados, reconhecendo-me cada vez mais na face e na fala do meu povo, do meu povo caririzeiro, do meu povo paraibano.

26/09/2007



Estranhas iguarias

Uma das mais doces recordações da minha infância – e quando uso a palavra doce peço que me entendam literalmente – era quando minha tia Adiza, que morava conosco, fazia uma de suas viagens ao interior da qual sempre trazia, como raro e precioso troféu, uma ou duas latas de chouriço. Essa estranha iguaria é um doce feito com sangue de porco, açúcar, farinha e especiarias e era considerado artigo de luxo entre nós, pela dificuldade em obtê-lo, vindo acondicionado em latas de leite em pó. Era guardado na mais alta prateleira do armário mas nada era suficientemente inacessível para a nossa gulodice e, armados de uma colher de sopa, abríamos as latas e mergulhávamos a colher naquela substância negra e macia, ornada de castanhas, roubando uma porção não muito grande, para não deixar rastro.

Há um doce muito parecido com esse no universo culinário nordestino: é um doce de gergelim, chamado “espécie”, que conheci um dia desses pelas mãos do escritor Aldo Lopes que, indo a Princesa Isabel, sua terra, trouxe para mim a preciosidade, que tem a mesma aparência do chouriço mas difere em rela-

ção à base, ao ingrediente principal, que no chouriço, é o sangue de porco e, na “espécie”, é o gergelim. Além disso, o chouriço é mais compacto, mais consistente e a “espécie” mais cremosa, e de sabor mais suave.

Câmara Cascudo define um e outro. Segundo o Mestre, chouriço é o mesmo que “morcela”, nome comum em Portugal, e dá a receita, constante no seu Dicionário do Folclore Brasileiro: uma tigela de farinha de mandioca peneirada e outra tigela contendo os seguintes ingredientes: erva doce, pimenta-do-reino, gengibre, cravo, castanha de caju assada bem seca, gergelim, tudo pilado junto e passado na peneira. Faz-se o mel de rapadura, esfria-se e mistura-se em fogo brando com o sangue de porco, mexendo para não encaroçar. Depois de fervido, coa-se, junta-se a farinha e os temperos, leva-se novamente ao fogo e vai-se despejando lentamente a banha derretida de porco, em fogo alto, mexendo-se vigorosamente até despregar do tacho, coisa que deve acontecer depois de umas duas horas. Come-se frio, com farinha fina.

E as quantidades, perguntaria você, meu caro e exatíssimo leitor. Qual o tamanho dessa tigela? Quantas rapaduras se usa para fazer o mel? Qual a quantidade de sangue de porco, e como obtê-lo? E eu sei? Quem sou eu para saber de coisas tão misteriosas? Receitas como essas, feitas “no olho” durante séculos, passadas de mãe para filha desde os tempos em que se amarrava cachorro com lingüiça, nunca trazem as quantidades e para realizá-las você vai usando o bom-senso, repetindo o preparo e testando as quantidades até encontrar a medida certa. Alquimia pura, segredo antigo, que só a poucos é dado dominar.

13/09/2006



O costume do sertão

Coisa que não acontece mais hoje são os casamentos entre parentes próximos, tão freqüentes nas gerações anteriores. Nos idos do século XIX, havia pouca gente no mundo, as distâncias eram grandes e não havia estradas; as uniões entre primos em primeiro grau, os chamados “primos legítimos”, aconteciam com frequência. Muitas vezes casavam-se primos filhos de dois conjuntos de irmãos, os chamados “primos carnais”, ou “primos germanos”. Na minha família, há um caso assim: duas irmãs da minha avó materna casaram com dois irmãos, seus primos, filhos de um irmão do pai das moças.

Também era comum o casamento de tio com sobrinha e de cunhado com cunhada, sobretudo quando o homem ficava viúvo com muitos filhos. Sempre era mais conveniente casar com alguém de dentro da casa e com quem as crianças já estavam acostumadas, do que buscar uma mulher estranha para impor aos filhos, sendo um casamento assim também muito vantajoso pois protegia a herança.

Um caso curioso e extremo é relatado por Fernando Cruz

que, ao contar a história de Mombaça, cidade do Ceará, narra um episódio em que Joana Sebastiana da Rocha, viúva de Manuel da Cunha Pereira, casou em segundas núpcias com um neto do próprio marido, filho de um filho que este tinha de um primeiro casamento. Essa união foi tão esdrúxula que exigiu dispensa especial da Santa Sé, obtida através do bispo de Olinda, mas acabou desencadeando uma luta de família, pois o casamento, mesmo aprovado pelo Papa, foi contra os costumes de ambos os clãs familiares. Está tudo disponível na Internet, no “Maria Pereira Web – o site que conta a história de Mombaça”. O episódio é heróico, sangrento e verdadeiro e o endereço é <http://www.mariapereiraweb.net/>, com o título de “A maior tragédia do sertão cearense”.

Mas há episódios deliciosos, como aquele contado por Otávio Sitônio Pinto, no seu livro “Dom Sertão, Dona Seca” (João Pessoa, A União, 2002) sobre a autoridade que sua tia-avó, Maria Augusta Pereira Diniz (Doninha) exercia dentro da família e que usava para determinar o destino das pessoas. Reproduzo direto do livro: “Quando morreu sua irmã Francisca (primeira mulher do meu avô João Sitônio), Doninha, a porta-voz, acuou meu avô: “João, você vai se casar com Porcina” – uma das seis irmãs sobreviventes. Meu avô ainda ponderou: “Deixem eu escolher Joaninha” (a outra irmã solteira). Ora, Joaninha, minha avó, tinha doze anos. Meu avô esperou-a mais quatro anos, até que ela se formasse moça. E assim se cumpriu, conforme o costume do Sertão.”

01/08/2007



O Parahyba Palace Hotel

Uma das coisas que eu lamento até hoje é nunca ter me hospedado no Parahyba Palace hotel. Na década de 1960 quando, moçinha, vinha a João Pessoa para passar as férias com meus tios que moravam na Capitão João Freire, no bairro dos Expedicionários, o Parahyba Palace Hotel era marco e referência do centro da cidade, que nessa época se organizava em torno do Ponto de Cem Réis.

Lembro-me de passar na frente do hotel, com minhas primas, em direção à rua Duque de Caxias que, naquela época pré-shopping centralizava o comércio chique da capital. Passávamos, nos nossos saltos altos, com as carteiras debaixo do braço, olhando com o rabo de olho os homens que ficavam no café, de pé, em frente ao prédio, conversando, politicando, falando da vida alheia.

Era lindo o centro da cidade naquela época, sem os tais “viadutos”. Um belo conjunto de ruas e praças onde era possível “flanar” (alguém ainda sabe hoje o significado desse verbo?), olhar as lojas, comprar revistas, tomar um sorvete, e, principal-

mente, “flertar” (outro verbo em desuso, nesta nossa época de muito axé e pouca delicadeza).

Alguns anos depois, na década de 1990, morri de inveja de alguns colegas da área de teatro que vieram de Natal, convidados a integrar o júri de um festival realizado na capital e que iriam ficar hospedados no Parahyba Palace Hotel. Minha tristeza foi somente por não poder desfrutar da hospedagem em hotel para mim tão glamuroso e tão cheio de significados.

Hoje, quando me incorporo ao burburinho da cidade, com sua região central mostrando sinais da deterioração que acontece no centro das nossas capitais, fico triste. Os ônibus fumacentos, os camelôs, a insegurança, e também a busca da comodidade, do ar condicionado, levou as pessoas a trocarem as ruas comerciais pelos shoppings.

Com isso, perdemos todos nós. Mesmo com o trabalho de limpeza e de devolver às calçadas à população que a Prefeitura vem fazendo, mesmo assim fica difícil devolver a uma região da cidade a sua alma, o seu clima, a sua atmosfera, o seu charme, expulso pela inabilidade de governantes anteriores, que preferiram deformar o centro da cidade em nome do automóvel, esquecendo de que a cidade é a moradia dos homens e mulheres que nela habitam, e que necessitam de suas ruas, praças e calçadas para se locomover, para viver, para se encontrarem uns com os outros.

Acima desse passado, levanta-se o Parahyba Palace Hotel, com símbolo de uma época que não volta mais.

24/01/2007



Monteiro, terra de delícias

Depois de cinco dias em pleno Cariri paraibano, mais precisamente na cidade de Monteiro, onde fui fazer um trabalho, estou cheia de histórias pra contar, de fatos para registrar. Já conhecia Monteiro, mas dessa vez tive um pouco mais de tempo para passear pela cidade e fazer quase mil fotos, enriquecendo minha coleção de fachadas, frontões, janelas e ornamentos de casas antigas, que ainda pretendo colocar no ar, em forma de blog, ou site.

Andei pela feira, onde comi “beira-seca”, aquele maravilhoso doce em forma de pastel, cuja cobertura branca e seca esconde a cremosa mistura doce, escura e picante, revelando sua origem árabe. Contemplei o céu do Cariri, com suas nuvens-carneirinhos pastando o azul-azul-azul, de um azul de teto de igreja ou manto de santo que só tem lá, naquele céu. Andei pelas ruas que meus antepassados Santa Cruz trilharam, em pé-de-guerra, nos acontecimentos de 1912, quando puseram a região em polvorosa. Ouvi divertida o carrilhão da igreja que, atrapalhado com uma súbita falta de energia elétrica, desregulou-se

e anunciou o Angelus às duas horas da tarde, com o sol ainda alto no céu.

Na Pousada dos Poemas, onde me hospedei, as décimas de Manoel Xudu enfeitam as paredes: “Mamãe que me dava papa/ Me deu bolacha com bolo/ Me deu chupeta e consolo/ Leite fervido e garapa/ Um dia deu-me uma tapa/ Mas depois se arrependeu/ Beijou-me aonde bateu/ Acabando a inchação/ Quem perdeu mãe tem razão/ De chorar por quem perdeu.” Vi o Museu da cidade, sob a guarda carinhosa de Darcy Mendes, que coleta, organiza e cuida do acervo com desvelos não de funcionária, mas de mãe.

Nesses dias estive ainda no lançamento do livro “Pinto Velho do Monteiro, um cantador sem parelha”, de Joselito Nunes, um filho da terra, livro que sai em segunda edição pela Líber Gráfica, de Recife. Também virei artista de cinema, fotografada sob a batuta do cineasta Wilson Freire, dando um depoimento para um documentário que eles estão fazendo sobre o figura do velho Pinto.

Mas o melhor de tudo foi voltar a comer orelha-de-pau feitas por mãos caririzeiras, relembrando minha infância e juventude, quando Mamãe, também daquela região, deixava nossas tardes mais gostosas preparando essa iguaria típica. Comi, sim, orelha-de-pau e beira-seca à vontade, colocando em risco minhas promessas de alimentação hipocalórica. No Cariri, terra de delícias, overdose de iguarias, exagero de sabores como beira-seca e orelha-de-pau, nenhum comedimento é recomendável.

06/09/2006



A minha noruega

Em um dos seus livros, o escritor Pedro Nava diz que “aquela encosta do morro e a sombra que dele se derramava sobre a chácara de Inhá Luísa ficaram representando o lado noruega da minha infância. Nunca batido de sol. Sempre no escuro. Todo úmido, pardo e verde, pardo e escorrendo.” Pois a minha noruega ficava na casa em que moramos quando eu era criança de cinco, sete anos de idade. Uma casa grande, velha, mal construída, cheia de lugares esquisitos, degraus que se desciam aqui para subi-los de novo mais na frente, paredes que nunca eram em ângulo reto, portas que não fechavam direito, cômodos que iam se estreitando, tudo errado, tudo torto, nada obedecendo a esquadro.

A noruega, no caso, era a cozinha: lugar escuro, úmido, sem janelas, com combongós que deixavam filtrar uma luz mortíça. Entrava-se ali por uma porta estreita, descia-se dois degraus e penetrava-se na penumbra, o fogão de carvão sempre aceso, com suas bocas vermelhas e quentes, quebrando a umidade do ambiente. Na parede oposta ao fogão, a mesa de madeira, com a

pintura descascada, tendo em cima a bacia para lavar a louça, e o chão de cimento úmido, escorregadio e sempre porejando água nas frias manhãs de Campina Grande. Era a minha noruega, a cozinha da casa da rua Padre Ibiapina, número 123.

Sentávamos nos degraus, eu e Braulio, quietinhos para não atrapalhar as mulheres: Mamãe, Titia e as empregadas e agregadas: Dona Maria Preta, Severina de João Congo e Maria de Severina, filha desta última. Esse mundo feminino, que se estruturava em volta das panelas, nos iniciava nos mistérios do mundo adulto. Sentadinhos ali, passávamos despercebidos e eu, mais velha e mais atenta do que Braulio, ouvia tudo, compreendia tudo, tomava conhecimento de tudo. De vez em quando uma das mulheres dava pela nossa presença e dizia: “Saíam daí, vão brincar lá fora, levantem, esse chão frio faz mal...” E logo se esqueciam da gente de novo.

Um episódio nunca me saiu da memória. Num sábado à noite, as mulheres inventaram de matar um galo para comer no almoço do domingo. Para amaciar a carne da ave, resolveram fazê-la engolir algumas doses de cachaça. A cada dose que introduziam goela abaixo do galo, cada uma delas tomava duas ou três, e o resultado é que ficaram bêbadas demais e não mataram o bicho direito, que ficou semidegolado, caminhando, batendo as asas e espadanando sangue nas paredes da cozinha. Enquanto nós, crianças, gritávamos aterrorizados, as mulheres, completamente embriagadas, riam-se até caírem sentadas no chão, em meio a sangue, penas e facas ensangüentadas. Pode-se pensar numa história mais louca do que essa? Eu não.

16/04/2008



O médico da cidade

Na semana passada fui ao médico por causa de problemas de estômago e além da consulta magistral, feita com toda a atenção e o carinho que deveriam ser paradigma do atendimento a qualquer paciente, o meu colega médico e escritor Manoel Jaime Xavier Filho me deu um presente régio: um livro, da sua autoria.

“Descobrimo a cidade de João Pessoa” (João Pessoa, Forma Editorial, 2006, 144 p.) é um livro que só pode ser escrito por quem ama realmente uma cidade, e a ama e desfruta como se ama uma namorada, uma amante, uma mulher muito querida. Como também sou apaixonada por esta cidade, e com o livro em mãos, fiz aquilo que nem o gastro-entorologista nem o escritor recomendariam: devorei-o, às pressas e com gulodice, sem mastigar direito, e fiz mal, pois uma iguaria literária como essa deveria ser degustada página a página, saboreando tema por tema.

Felizmente livros não são como as barras de chocolate que uma vez devoradas somem da nossa frente, embora se depositem eternamente nos coxins gordurosos do abdome, coxas e quadris.

Um livro, como um alimento especial, pode ser devorado e continua incólume para ser novamente comido, degustado, saboreado, beliscado, tiragostado, no banquete eterno do ir e voltar das páginas. Sua essência não se deposita nos quadris ou coxas, mas na alma, no coração, no intelecto, acessível e benéfico sempre que precisamos dele.

O livro de Manoel Jaime é assim. Um passeio amoroso pela capital paraibana, exaltando belezas, resgatando sua história e, como o autor é médico, não foge à sua prática e também identifica os males, os achaques e as doenças dessa cidade amada, prescrevendo em seguida o medicamento, em forma de sugestões que os governantes só não aceitarão se quiserem ver a paciente/cidade entrar em falência completa dos seus órgãos vitais.

Tenho muitos livros sobre história da Parahyba, assunto que amo; e recentemente adquiri o livro de Walfredo Rodriguez “Roteiro sentimental de uma cidade”, livro que faz uma excelente parêntese com o livro de Manoel Jaime. O diferencial deste último é o diagnóstico e o tratamento que o autor, como médico, oferece, de graça e com competência, aos que têm nas mãos os destinos desta terra querida, verde que te quero que continue verde, verde entre as mais verdes.

31/01/2007



A gaiola do mundo

Quando eu morava em Natal, na minha casa cheia de árvores e orquídeas, os passarinhos me visitavam com freqüência. Os sabiás faziam a festa, havia um beija-flor azul que vinha sempre às seis e meia da manhã beber o mel da plantinha de flores vermelhas que havia na varanda. Vez por outra também aparecia o canário-da-terra, o rei do pedaço, de cor marrom-avermelhada, que fazia a maior folia debaixo do coqueiro.

Aqui na capital paraibana, nos altos de um oitavo andar, ainda tentando adaptar plantas que trouxe do Rio Grande do Norte a uma varanda onde o vento chega a ser às vezes destruidor de caules e corolas, já comecei a reencontrar meus pequenos amigos. O bem-te-vi vive na mais alta antena de TV do prédio, e de lá faz seu palco de canto espetacular; e o minúsculo beija-flor já me visitou uma vez, olhando para mim através da vidraça como quem pergunta: “Clotilde, cadê meu mel? Cadê minhas florzinhas vermelhas?” Mas faltava o canário.

Aí, uma manhã dessas, ouvi o trinado. Ele estava cantando. Não somente cantando como também pipilando, currucheando,

assoviando, arrulhando, chilreando e fazendo todos aqueles magníficos barulhos que tornam o canto do canário tão maravilhoso. Mas esse tinha algo diferente; era um canto mais elaborado, e pesquisa aqui, pesquisa acolá, descobri que quem cantava era um canário belga, um primo mais sofisticado do pequenino canário da terra que brincava debaixo do meu coqueiro, lá no Rio Grande do Norte.

Mas onde se escondia o estridente passarinho? Quando ele começava, eu ficava de janela em janela, procurando descobrir onde estava a avezinha, e nada. Aí, peguei o binóculo e fiz campana, esquadrinhando toda a vizinhança até que o descobri, numa gaiola na varanda do terceiro andar do prédio vizinho. Agora, estando em casa, quando ele começa, eu largo o que estou fazendo e vou assistir da janela da área de serviço ao concerto vocal, à sessão de canto lírico, à ária apaixonada que esse pequeno soprano coloratura me dedica, porque já sei que ele canta somente para mim.

Seu pequeno coração de pássaro chora a saudade da liberdade, dos campos verdes, das matas, dos coqueiros, do céu azul, da chuva, do sol e da brisa dos tabuleiros. Preso, sem poder voar, vive cantando, e meu coração de gente também lamenta com ele porque eu também, passarinho, vivo presa na gaiola do mundo, que às vezes me parece tão pequena para os meus anseios, para os vãos da minha alma, para as viagens da minha consciência, para o palpitar do meu coração. Meu coração e o teu, passarinho, cantando juntos a saudade dos espaços infinitos.

07/02/2007



Os braços suaves da Parahyba

Neste domingo que passou, completou um ano que estou morando nesta capital, que tem de antipático somente o nome e que, por isso, eu chamo carinhosamente de Parahyba, igual como chamo com o estado. Em setembro do ano passado eu estava aqui para o Congresso Internacional de Literatura de Cordel, hospedada com amigos em Tambauzinho. Nas idas e vindas para a Fundação Casa de José Américo, no Cabo Branco, onde o Congresso se realizava, comecei a pensar em passar uns dias aqui, porque era tanta coisa que eu queria ver, eram tantos amigos que eu queria reencontrar, eram tantas as coisas que eu queria fazer! Então aluguei um flat, no Retão de Manaíra, em frente ao shopping, resolvida a passar pelo menos um mês. Isso foi no dia 24 de setembro de 2005.

Como não podia ficar sem escrever, trouxe de Natal meu computador, alguns livros, cadernos, anotações, e a cafeteira elétrica. Depois trouxe umas panelas, louças, e uns lençóis. E livros. A seguir, comprei um aparelho de TV maior, de tela plana, pois o que havia no flat tinha minúsculas catorze polegadas,

insuficientes para os meus olhos de meia-idade. E trouxe mais livros.

Foi-se um mês, entrou outubro, e eu resolvi ficar até o Fenart, que ia ser em novembro. Depois do Fenart pensei: por que não ficar até o final do ano? Aí, quando fui novamente a Natal, foi a vez de trazer mais umas bolsas e sapatos, e mais livros. Em dezembro, trouxe o meu teclado, com o qual venho lutando há alguns meses, tentando fazer meu cérebro entender que num piano as mãos têm que fazer coisas diferentes e ao mesmo tempo. Inês, minha irmã que mora em São Paulo, veio passar uns dias e eu decidi ficar até o final de janeiro. Já tinha trazido meu velho carro de estimação, um Palio 96 que valorosamente me conduz estrada afora, nas minhas andanças e aventuras. Passou janeiro, trouxe mais algumas bolsas e sapatos, mais livros, uns quadros para as paredes, colcha para a cama, e mais livros.

Quando chegaram os idos de março, vi que, sem me sentir, tinha me estabelecido na cidade. Os livros atravancavam o pequeno espaço do flat, e todo dia eu precisava de alguma coisa que estava na minha casa em Natal, casa que havia ficado aos cuidados da minha filha e genro. Resolvi então, assumir minha paraibanidade, entreguei a casa de Natal aos meus filhos, trouxe o resto dos meus troços, os livros, aluguei um apartamento em Tambauzinho, em um oitavo andar, vendo ao longe o mar de Cabo Branco, feliz da vida na minha Parahyba querida, sem saudades do que deixei pra trás e inaugurando essa nova quadra da minha vida cercada por meus livros, quadros, plantas e, principalmente pelo carinho dos amigos de tão longa data e pelos braços suaves desta cidade que me acolheu e me ensinou a amá-la. Já faz um ano, e estou feliz.

21/09/2006



Dom Sertão, Dona Seca

Hoje quero aqui recomendar um livro indispensável àqueles que desejam compreender a questão do clima em nossa região. Trata-se de “Dom Sertão, Dona Seca” (João Pessoa, A União, 2002) de Otávio Sitônio Pinto. Qualquer discussão sobre a tão propalada quanto polêmica transposição do Rio São Francisco precisa passar pelos argumentos expostos nesta obra monumental que, pela profundidade e abrangência, segue a mesma corrente de outras obras seminais sobre a região como “Geografia da Fome”, de Josué de Castro, “A Terra e o Homem no Nordeste” de Manoel Correia de Andrade e “Elegia para uma Re(li)gião”, de Chico de Oliveira.

Neste livro, Otávio Sitônio Pinto trata do Semi-Árido Brasileiro, defendendo a idéia de que “o sertão é fértil porque é seco”, sendo um grande equívoco tentar implantar na região culturas que não se adaptam a essa condição, e que dependam de água. Sitônio Pinto explica ainda que a irrigação não é solução uma vez que, além de não haver água suficiente para isso, esse procedimento iria desviar a região de sua verdadeira vocação,

que é produzir culturas xerófilas, que poderiam tornar o Semi-Árido competitivo economicamente com outras regiões.

São 405 páginas de análise aprofundada sobre todas essas questões, fundadas em sólidos argumentos, em bibliografia e depoimentos. Sitônio Pinto é produtor rural, criador de cabras, e sabe o que está dizendo, com a força e o vigor dos autodidatas que se dedicam a um objeto de estudo não porque precisam escrever uma tese ou porque tenham uma bolsa de pesquisa, mas porque amam a região e sentem o apelo da terra, o atavismo dos desbravadores, o idealismo dos que lutam.

O livro é um deleite. Ele começa analisando as características do Semi-Árido e a questão da transposição do São Francisco; continua falando sobre a flora xerófila, e a vocação desse deserto em plantas e bichos. A seguir, lembra das nossas sagas e lutas, dos conselheiros, cangaceiros e coronéis, rememorando os episódios de Princesa Isabel, sua terra natal. Os últimos capítulos tratam da posse da terra, dos modelos de reforma agrária pelo mundo e, finalmente, “da solução do espaço e da salvação da lavoura”.

Otávio Sitônio Pinto ganhou com este livro o prêmio da Academia Paraibana de Letras em concurso que homenageou Gilberto Freyre. Hoje, é com prazer que vejo esse escritor estupendo – que ainda se dá ao luxo de ser uma figura humana divertida e dono de papo excelente – sentado entre os imortais, eleito que foi na semana passada para a referida Academia. Vida longa e muitos livros, é o que a Parahyba lhe deseja.

15/02/2006



As coisas supérfluas

O Natal se aproxima e com ele todo o cortejo de rituais e tradições desta festa que já foi pagã, hoje é cristã e, do jeito que as coisas andam, talvez se torne pagã novamente, trocando as igrejas pelos shoppings e as divindades cristãs pelos ídolos da TV com os quais todo mundo quer se parecer. As tais catedrais do consumo estão repletas de pessoas em busca das “lembrancinhas” que, mesmo simples e baratas, tornam todo mundo tão feliz. Prudentemente, fiz todas as minhas compras até domingo passado e agora me divirto em fazer os pacotes e pensar na mensagem que vou escrever para cada um.

Gosto de me lembrar dos presentes que ganhei ao longo dessas décadas de vida, e foi todo tipo de presente. Nunca consegui me esquecer de um pianinho de dez teclas, do dó ao mi, que ganhei de Papai quando tinha dez anos. Ficava horas, sentada no chão, tirando melodias no pequeno teclado e sentindo falta de alguns sons que somente depois descobri em um piano maior, escondidos nas teclas pretas que o meu pianinho não tinha.

Ganhei brinquedos e livros quando era criança, roupas e livros em mocinha, jóias, bijuterias, perfumes e livros depois de adulta. Até hoje, continuo ganhando livros, sempre acompanhados dos presentes que gosto mais: bijuterias, perfumes, écharpes, caixinhas de madeira e porcelana, leques e cadernetas, além de marcadores de livros.

Gosto dos livros, é claro, mas também gosto muito mesmo dessas pequenas bobagens. Quem não gosta? Na maioria das vezes, não servem para nada e sempre temos delas um bom número. Supérfluas, desnecessárias, por isso mesmo fazem a nossa festa e a nossa alegria, porque presente tem que ser algo extra, algo diferente, e presentear com aquilo que normalmente a gente tem que comprar no dia-a-dia é a coisa mais sem graça do mundo.

É como aquele garotinho de uns quatro anos que vi numa loja. Enquanto os pais escolhiam uma roupinha, ele gritava em alto e bom som: “Mas eu não quero essa roupa normal! Eu quero um traje completo do Homem-Aranha!” Esse meninozinho, para mim, é o símbolo do Natal, neste ano de 2005. Sair do lugar comum, da roupinha linda e de griffe mas ao mesmo tempo chata e convencional, e ousar no traje diferente, cheio de atitude, na “roupa do Homem-Aranha”. Pensar diferente, sair da mesmice, fazer algo inusitado e, principalmente, desfrutar do supérfluo.

Como disse o imortal William Shakespeare, no “Rei Lear”, Ato II Cena 4: “Até os homens mais pobres precisam de coisas supérfluas”. Feliz Natal.

21/12/2005



O fogo das coisas puras

Ontem se comemorou o Dia da Poesia, uma invenção brasileira, que se refere à data de nascimento do poeta Castro Alves que nasceu na cidade de Cabeceiras, no interior da Bahia, no dia 14 de março de 1847. Castro Alves, por ser um dos nossos maiores poetas, o poeta do Navio Negreiro, das Espumas Flutuantes, o poeta libertário, mas também pela imensa aura romântica que cercou toda a sua existência, ainda é cultuado depois de um século e meio de sua morte.

Afinal, o que é a poesia? Todos nós já experimentamos esse lampejo vivo da poesia na própria carne. Todos nós, uma vez ou outra, já vislumbramos a face das musas, num momento de paixão, ou de dor. Mas esse negócio de poesia não é tão simples assim como parece. Não é bastante ir arrumando uma linha embaixo da outra para no fim conseguir um poema. Por exemplo: você pode dizer: “Meu amor/ Eu te amo tanto/ A vida sem ti nada significa/ Tu és o primeiro pensamento do meu dia/ E o último, quando adormeço./ Eu, sem ti,/ nada sou.” Você pode dizer isso e até escrever num papel e dar à sua namorada. Ela,

provavelmente, vai adorar. Mas isso não é poesia. Não tem imagens, não tem metáforas e é recheada de lugares-comuns. Mas se você diz: “onde o/ desespero/ escava um/ nó exato./ Uma verdadeira/ solidão não/ seu relato,/ o vazio mais intacto./ Descobrir um/ caminho/ e apagar os/ rastros...” Isso sim, é poesia. Imagens fortíssimas neste poema de Astier Basílio, extraído do seu blog Antimercadoria.

Já se disse que na adolescência todo mundo é poeta. Depois, vem o vestibular, vêm os namoros mais firmes, os empregos... e a atividade poética vai perdendo seu lugar para as coisas do mundo. Somente os verdadeiros poetas continuam, ao longo da sua vida, nesse ofício terrível e maravilhoso de captar na mente oculta da Humanidade os lampejos do divino, traduzidos pelo fazer poético.

O poeta é marcado por essa fatalidade irrecorrível: a necessidade de lidar com as palavras de forma diferente, a capacidade de mergulhar sabe-se lá onde e voltar à tona com pedrinhas misteriosas, que ele lapida até que fiquem de um ofuscante brilho. De tanto se aproximar do fogo das coisas puras o poeta muitas vezes chamosca as asas, quando não é mortalmente tragado pela fulguração dos deuses, dos quais é reflexo e aprendiz. Talvez seja por isso que muitos poetas são loucos, se drogam, se embriagam... Quem vislumbrou o esplendor das Musas nunca mais é normal outra vez.

E esta crônica é dedicada àqueles que, sem temor, se atiram à boca escancarada do vulcão, onde muitas vezes se consomem, buscando a matéria prima do verso.

15/03/2006



Parahyba on my mind

Há uma música, um clássico do blues, que todo mundo conhece: “Georgia on my mind”. Refere-se à Georgia, um dos estados do Sul do Estados Unidos, berço da cultura negra. O poeta que compôs a letra diz: “Oh, Georgia, uma velha e doce canção te trouxe à minha mente.. Um canção que veio tão doce e clara como a lua através dos pinheiros... E eu não encontro paz em nada, somente naquela canção que te traz de volta a mim...”

Não é uma tradução literal. Essas palavras falam mais do sentimento que a canção transmite, um sentimento de profunda nostalgia, com o poder que a música tem de nos levar em direção a algo ou de nos trazer de volta recordações tão doces e tão suaves como a Lua no pinheiral.

E fico pensando na Parahyba, no tempo em que vivi longe e que não podia ouvir certas músicas que minha garganta ficava grossa com o sal das lágrimas da saudade. Meus olhos ficavam pesados logo aos primeiros acordes de “hoje eu mando um abraço pra ti pequenina...” ou “vivo com o olho na ladeira, quando vejo uma poeira penso logo que é você...” ou ainda “quando

me lembro de Campina Grande, peço notícias que você mande..." e, finalmente, "num recanto bonito do Brasil..." Parahyba, Parahyba sempre, "always on my mind", como parte inseparável da minha anatomia sentimental.

Hoje estou de volta e é curioso como me algumas vezes esqueço de que já moro aqui e fico com saudade. Aí me lembro de que – ora bolas! – basta chegar na varanda para espiar o mar de Cabo Branco e a Lua que se levanta, vaidosa e bela. Basta pegar o carro e sair para dar uma volta que está tudo ali, bem pertinho, bem próximo, à minha espera.

Tambaú, Manaíra, a Lagoa, a maravilha barroca do São Francisco, os telhados históricos do Varadouro. A Duque de Caxias que vejo sempre com meus olhos de 16 anos de idade, quando ia às compras com minhas primas, quando passava as férias na cidade.

É só dar uma volta na rua e escutar a voz do meu povo, o sotaque característico, a cor do céu, o movimento das nuvens, coisas que somente aqui existem dessa forma. Mais uns quilômetros e estou em Campina, com as imagens da infância e juventude e o berço querido de quem me viu nascer.

Nada é tão doce como o regaço das recordações, das lembranças atreladas a cada esquina, da juventude reafirmada nos olhos dos amigos de adolescência, da evocação de perfumes e sons que as palavras desencadeiam no território encantado da memória. Parahyba do meu coração, Parahyba on my mind.

12/07/2006



Sessenta anos

Na sexta-feira que passou completei sessenta anos de idade. Ainda sob o impacto desta poderosa efeméride, que me transforma do dia para a noite em alguém “da terceira idade”, quero agradecer os votos carinhosos de todos aqueles que me enviaram mensagens, que telefonaram, que me abraçaram na rua.

Quero dizer que entro com muita alegria na casa dos 60, que estou agora definitivamente “sexygenária”, que não vejo a hora de “fazer 69” e todas as piadas do gênero. Uma boa notícia é que agora pagarei meia entrada nos cinemas, museus e teatros e que não ficarei mais tanto tempo nas filas de bancos e supermercados.

Mas entre todos os telefonemas que recebi, o mais importante deles foi o do meu neto, Marcelo. Ele tem oito anos, e é um garoto lindo, doce, inteligente e com umas tiradas que fazem a delícia da avó coruja. Pois bem: ele me ligou logo cedo.

– Vovó, hoje é teu aniversário?

– É sim – eu disse.

– Parabéns, vovó.

Aí, foi aquele silêncio pois eu, apesar de coruja, sou meio desajeitada com criança pequena e não sei nem conversar direito com esse povinho de pouca idade. Puxei então outro assunto.

– Como vai na escola?

– Estou de férias – respondeu o pirralho, me deixando novamente sem saber por onde desenvolver a conversa. Apelei para o óbvio:

– Então, onde você vai passar o Natal?

– Não sei, vovó.

– Como não sabe?

– É, vovó. Não sei – disse ele, e completou: – Ninguém pode saber o futuro.

Foi a mensagem de um anjo, transmitida através das palavras do meu neto, na manhã do dia dos meus sessenta anos. Como me preocupar com o futuro, se ninguém pode saber como vai ser? E fiquei feliz porque tenho vivido assim, aceitando toda manhã o presente daquele dia, sem preocupações. Não me arrependo de nada até agora, nem do que fiz nem do que deixei de fazer. Tenho vivido minha vida plenamente, com alegria, com vigor, com esperança, com paixão. Tenho vivido, e vou continuar vivendo, dando conta da vida como quem chupa uma laranja bem doce e succulenta, espremendo até sair a última gota de sumo, um dia de cada vez, e por mais 60 anos, se Deus quiser.

19/12/2007

Contato com a autora:
contato@clotildetavares.com.br
www.clotildetavares.com.br

Miolo composto em
Palatino Lynotype 11/15,
com títulos em corpo 18.